

o Prelo

JURUBATIBA O PARAÍSO INTOCADO



O PARAÍSO INTOCADO
JURUBATIBA



**Sala
Leila Diniz**

Um ano de originalidade e
democratização da cultura **Pág. 20**



**Vale do
Paraíba**

Entre o esplendor dos tempos do
café e o vigor da era do aço **Pág. 28**



**Renovação
lusófona**

Os novos valores da língua portuguesa
ao redor do mundo **Pág. 10**



Dentro de um livro, a gente encontra mais que histórias. Encontra cidadania.

O Projeto Mais Leitura, criado para democratizar o acesso à cultura, disponibiliza grandes obras literárias a preços populares. Para adquirir a sua, vá às unidades do Rio Poupa Tempo e procure a Agência da Imprensa Oficial.

Agência São Gonçalo - São Gonçalo Shopping - Avenida São Gonçalo, nº 100, 3º Piso - Rio Poupa Tempo, Boa vista, São Gonçalo - RJ, 24466-315

Agência São João de Meriti - Shopping Grande Rio - Rodovia Presidente Dutra, 4.200 - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti - RJ (Rio Poupa Tempo) 25586-970

Agência Bangu - Endereço: Bangu Shopping - Rua Fonseca, 240 2º andar - Bangu - Rio de Janeiro - RJ - 21820-971

Horário de funcionamento: Atendimento de segunda a sexta-feira, das 08hs às 18hs e sábados das 09hs às 13hs.



Sérgio Cabral
GOVERNADOR

Regis Velasco Fichtner Pereira
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado
Diretora Administrativo-Financeira

Jorge Narciso Peres
Diretor-Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo ANO IX nº 30

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Andréa de Freitas Machado

Redator:
Luiz Augusto Erthal

Estagiários:
Ana Carolina Pires de Mello
Bárbara Reis
Marcelle Corrêa Batista
Juliana Araújo
Ricardo Chau

Programação Visual:
Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO



CAPA

16 JURUBATIBA – O
PARAÍSO INTOCADO
Beleza e ambientalismo
no Norte Fluminense

INSERÇÃO SOCIAL

4 PAZ, CIDADANIA E LIVROS

Projeto na Mangueira ensina moradores a ler de uma
forma diferente e abre novas perspectivas de futuro

BIOGRAFIA

6 ROQUETTE-PINTO

O Homem que botou a rádio no ar



ESPECIAL

10 RENOVAÇÃO LUSÓFONA

Comunidade internacional de
língua portuguesa fortalece laços

12 VI Fórum das Imprensa's Oficiais
de Língua Portuguesa

ESPECIAL II

20 SALA DE CULTURA

LEILA DINIZ

Um ano de portas abertas à
democratização da cultura



HISTÓRIA

24 GUERRA DO CONTESTADO

Sangue e disputa territorial no Sul

MUSEUS

26 NAVEGANDO NA ARTE

Inspirado no Google Art Project, site brasileiro
possibilita visita *on line* de 14 museus

MUNICÍPIOS

28 VALE DO
PARAÍBA II – Memórias
da Riqueza Fluminense



MÚSICA

34 Centro de Referência da Música Carioca
Artur da Távola

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES

PAZ, CIDADANIA E LIVROS

Projeto na Mangueira ensina moradores a ler de uma forma diferente e abre novas perspectivas de futuro

BÁRBARA REIS

Quem passa pela Avenida Santo Antônio na Candelária, uma das vias do Morro da Mangueira se espanta quando, ao final, apertado entre algumas casas, vê o que parece ser um novo mundo, em que prateleiras altas e repletas de livros sobem coladas a uma parede lilás. É neste universo que a dona-de-casa Cabrini Costa, de 18 anos, imerge junto com a sua família pelo menos duas vezes por mês. Assim como a adolescente, mais 3 mil jovens já passaram pela a Associação Meninas e Mulheres do Morro, adquirindo o hábito da leitura a partir de um projeto que apresenta uma nova percepção de mundo e, principalmente, uma perspectiva de futuro.

“O objetivo da Associação Meninas e Mulheres do Morro é fazer com que os jovens da comunidade acreditem que são protagonistas do próprio futuro e que, independente de estereótipos, são capazes de ser aquilo que quiserem”, destaca Kely Louzada, presidente da ONG.

Com a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora, em junho de 2011, transitar na comunidade ficou mais seguro e começou a haver uma troca entre os muitos projetos existentes nos diferentes complexos. Kely Louzada conta que a Candelária sempre foi uma das áreas mais tranquilas do morro, mas que atualmente, foram abertas as portas para a troca não somente entre os projetos, mas entre as diversas realidades existentes na própria Mangueira. Os representantes de diferentes ONGs da região se reúnem com regularidade para



Foto: Divulgação



Foto: Ricardo Chau

Acima, jovens se reúnem durante oficina literária na quadra de esportes da comunidade. Ao lado, a dona de casa Simone Barbosa levou para casa o livro que a pequena Sofia escolheu na biblioteca

discutir, trocar experiências e pensar novas formas de otimizar os processos e atividades das organizações.

Entre as oficinas promovidas pela Associação Meninas e Mulheres do Morro estão informática, artes, rodas de leitura, leitura compartilhada, recreação e a sala facilitadora, espaço em que as crianças e adolescentes podem fazer pesquisas escolares. Sem ter o objetivo de ocupar o lugar da escola, as atividades promovidas pela associação possuem como foco expandir os horizontes dos jovens da comunidade.

A biblioteca com mais de 4,3 mil títulos mesmeriza quem

entra no espaço pela primeira vez. De best-sellers a clássicos da literatura nacional, passando por livros infantis, as prateleiras são democráticas. Stephenie Meyer e Agatha Christie dividem o mesmo andar e são vizinhas de Jorge Amado, Ruth Rocha e Mario Vargas Llosa.

“Ler é muito importante. Tenho uma filha de um ano e sempre venho aqui pegar emprestado livros infantis para ler para ela. Isso fez com que, aos poucos, eu começasse a pegar livros para mim também.”, contou Cabrini, enquanto tentava decidir qual livro levar para casa. Entre os autores preferidos, está,



Foto: Divulgação

A autora de "Vida de boneca", Luciana Rigueira, visitou o projeto e conferiu de perto as bonecas de pano confeccionadas pelas participantes do projeto, inspiradas em seu livro. À direita, Cabrini Costa escolhe o livro que vai levar para a filha de 1 ano



Foto: Ricardo Chau

claro, a queridinha dos adolescentes: Thalita Rebouças.

A biblioteca funciona tanto no tradicional sistema de empréstimo como é palco de algumas das oficinas, como as rodas de leitura e a oficina de leitura compartilhada. Nas rodas de leituras, feitas para crianças de 6 a 16 anos, as histórias são contadas de um modo lúdico, estimulando o uso da imaginação e promovendo uma verdadeira viagem.

E a imaginação trouxe frutos para a vida real. Em setembro do ano passado, as participantes do projeto confeccionaram, na oficina de artes, bonecas de pano para presentear as outras meninas da comunidade. A ideia surgiu após a leitura dos livros "Vida de boneca", de

Luciana Rigueira, e "A boneca de pano", de Rubem Alves. Enquanto "Vida de boneca" é uma grande metáfora sobre passar da adolescência para vida adulta sem perder a alegria infantil, "A boneca de pano" é um belo conto natalino.

Já a oficina de leitura compartilhada tem como objetivo auxiliar àqueles que ainda não conseguiram relacionar a leitura a algo prazeroso por terem dificuldade na hora de ler. As atividades dessa oficina envolvem a ajuda mútua entre as próprias crianças, acompanhadas de perto por um educador, o que reforça os laços entre os colegas, estimula a independência e promove a integração entre os participantes do projeto.

A variedade contempla uma pequena parte de um dos gran-

des debates entre os acadêmicos da literatura: a principal função do livro, que é estabelecer um diálogo com o leitor e ser uma ponte na construção de sua própria subjetividade.

História - Durante a década de 90, não passava despercebido pelos moradores da comunidade o número crescente de adolescentes grávidas. "A idéia era trabalharmos diretamente com essas meninas e mulheres. Começamos com campanhas e distribuição de preservativos e, uma vez por mês, as meninas da saúde da Vila Olímpica vinham fazer uma palestra no centro cultural da associação de moradores.", conta Kely. O sucesso da iniciativa fez com que em pouco tempo fossem realizadas também atividades de conscientização entre os meninos da comunidade. A partir daí, o projeto cresceu e passou a envolver inúmeras outras atividades.

A Associação Meninas de Mulheres do Morro tem como uma das fontes de renda para manutenção do espaço, realização das atividades e compra de lanches para as crianças, um bazar, que funciona na própria comunidade de segunda a sábado. A parceria com um instituto privado garante o material para confecção das peças, mas também são aceitas doações de roupas e calçados em bom estado de conservação. Na biblioteca da organização, doações de títulos são muito bem-vindas.

Afinal, como disse Mário Quintana, 'livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.'

SERVIÇO

Associação Meninas e Mulheres do Morro
Endereço: Avenida Santo Antônio, Nº 13. Candelária, Morro da Mangueira.
Telefone: (21)2567-5361

ROQUETTE-PINTO

O HOMEM QUE BOTOU A RÁDIO NO AR

MARCELLE CORREA BATISTA

“Foi há 25 anos. Lembro-me bem. Roquette-Pinto tomou o elevador do Edifício Rex e procurou, no 16º, o ministro Gustavo Capanema. Ia dar-lhe de graça o prefixo, o equipamento, a tradição da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Tudo isso, que parecia pequeno e era imenso, passava a pertencer ao Ministério da Educação, sem qualquer indenização aos proprietários, todos eles professores, cientistas, homens de letras. Nada, nada? Apenas uma palavra Roquette queria receber em troca de sua emissora:

compromisso de que a rádio continue a fazer obra cultural” O relato acima, feito por Carlos Drummond de Andrade, na crônica “Acabaram de ouvir”, no “Correio da Manhã” de 1961, não é só uma homenagem ao responsável pela primeira transmissão radiofônica no Brasil. Trata-se da história de uma paixão que se transformou em missão. O cineasta Nelson Pereira dos Santos planeja um documentário sobre o homem que acompanhou a Expedição Rondon para implantar o sistema telegráfico no país. E a vida e obra de Roquette dão mesmo um filme, uma música, uma novela e todo tipo de manifestação possível para homenageá-lo. Hoje, a Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, fundada por ele em 1934, leva o seu nome com música, cultura e informação na Roquette-Pinto FM 94, do Governo do Estado.

Com múltiplos interesses, deixou vários legados relacionados à ciência, educação, tecnologia e a antropologia. Mas, como certeza, nenhum o tornou tão célebre quanto a transmissão radiofônica. Seu futuro legado para a comunicação brasileira começou durante a inauguração festiva da Exposição do Centenário da Independência, em 1922, quando ele percebeu que alto-falantes foram suspensos nos postes que transmitiam saudações do Presidente Epitácio Pessoa aos visitantes através da telegrafia. No mesmo instante



Edgard Roquette-Pinto durante locução no estúdio da Rádio Sociedade

Roquette percebeu a importância de um equipamento para a transmissão de informações e cultura para o povo e um turbilhão de idéias passava pela sua cabeça.

Após convencer seus amigos da Academia de Ciências sobre a importância e necessidade de criarem uma rádio no Brasil, sete meses depois, aos 39 anos, Roquette revolucionou a forma de comunicação em nosso país quando, em 20 de abril de 1923, criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, passando a transmitir sons a distância em uma sala da Academia de Ciências. Projeto que implantou a primeira emissora de radiodifusão do país. Na ocasião, eles utilizaram um equipamento de radiotelegrafia trazido pela Western Electric dos Estados Unidos. Depois, como forma de doação, também recebeu um transmissor de 10 watts da fábrica Pekan, localizada na Argentina.

A rádio foi criada com o propósito de divulgar e informar assuntos de educação, artísticos e científicos, sem uso para fins lucrativos, como mandava o artigo 3º do Estatuto da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, após a autorização do então presidente Arthur Bernardes. O primeiro programa da Rádio Sociedade foi uma transmissão sobre a solenidade de inauguração da emissora, na Escola Politécnica, no Centro. Uma história de Monteiro Lobato foi lida, para em seguida encerrá-lo com uma página de Os Sertões.

« A presença de Roquette foi muito marcante para o desenvolvimento do Brasil. Ele era um homem moderno, foi um grande empreendedor e sua atuação em várias áreas nos faz perceber que era um homem humanitário, pois estava sempre preocupado com o povo, pioneiro, porque trouxe a rádio para o Brasil. Uma pessoa admirável pela genialidade, que não parou no tempo, era muito altruísta, alguém que nós devemos nos inspirar», conta Liana Milanez, autora do livro “Rádio Mec: A herança de um sonho”.

Em seu primeiro discurso radiofônico, ele deixou claro que queria levar o conhecimento à população, já que o rádio não tinha fronteiras para o analfabetismo.

“Todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente no conforto moral da ciência e da arte. A paz será realidade entre as nações. Tudo isso há de ser o milagre das ondas misteriosas que transportarão, no espaço, silenciosamente, as har-

monias. Que incrível meio será o rádio para transformar um homem em poucos minutos, se o empregarem com alma e coração!”, disse na ocasião.

Tempos depois, através de uma carta, a rádio foi doada ao Ministério da Educação e Cultura. O Ministro da Educação, Gustavo Capanema, agradeceu em nome do presidente Getúlio Vargas e informou que a rádio seria incorporada ao Departamento de Imprensa e Propaganda, para desespere de Roquette, que em seguida, escreveu outra carta dizendo que a rádio estava sendo entregue a educação do Brasil, “Entrego esta Rádio com a mesma emoção com que se casa uma filha”, disse. Para ele, a rádio tinha uma missão educativa pela frente: “A escola dos que não têm escola, o jornal de quem não sabe ler, o mestre de quem não pode ir à escola, o divertimento gratuito do pobre, o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado”, dizia Roquette-Pinto.

Missão Rondon

Carioca de Botafogo, nascido em 25 setembro de 1884, o filho do rico e rígido advogado Menélio Pinto Vieira de Mello tinha como nome original em seu registro civil Edgard Roquette Carneiro de Mendonça Pinto Vieira de Mello e passou a se chamar somente Edgard Roquette-Pinto após a alteração em seu registro. Uma homenagem ao avô materno, o fazendeiro João Roquette Carneiro de Mendonça, médico e parteiro, que pagou seus estudos e o criou por três anos na Fazenda Bela Fama, próxima a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais.

Sua extensa carreira de dinamismo entre várias profissões começou quando ele se formou em medicina, aos 21 anos em 1905, após apresentar a tese de formatura que foi intitulada de “O estudo da medicina entre os indígenas da América”. Roquette. + também foi médico legista no Distrito Federal (na época, o Rio de Janeiro), docente na Faculdade de Medicina, até ser atraído pela biologia e ir para o Rio Grande do Sul em 1906, onde realizou estudos sobre os sambaquis, vestígios de montanhas erguidas por povos que habitavam o litoral do Brasil na Pré-História.

Roquette era inquieto e queria sempre mais. Mudou de profissão. Dedicou-se a antropologia, prestou concurso para professor de Antropologia e Etnografia no Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista. E lá estava ele, trabalhando na área. No museu, o médico e antropólogo conheceu o tenente-coronel Cândido Mariano da Silva Rondon e ficou encantado com o militar que desbravava matas, demarcava fronteiras e criava povoados em suas missões na selva, onde levava cientistas. Logo, foi convidado para participar da expedição Rondon, realizada em 1912, o que veio a ser uma das maiores experiências de sua vida.

Foram quatro meses em plena selva, sob risco de doenças e animais ferozes passando pelas florestas do Amazonas, do Mato Grosso. Além de ter contato com



Acervo do Museu Nacional/UFRJ

O médico, antropólogo e etnólogo Roquette-Pinto, aos 27 anos, com crianças indígenas da tribo Kozarini, em expedição coordenada por Cândido Rondon ao Mato Grosso, em 1912

os índios Nhambiquaras, Roquette realizava funções científicas, além de desenhista, operador de som, cinegrafista e fotógrafo. A missão tinha o propósito de levar cabos de telégrafo, único meio de comunicação da época, para integrar o país no começo da República.

“A construção foi o pretexto. A atividade de exploração científica foi tudo”, disse ele, na época.

Roquette trouxe na bagagem, centenas de objetos, anotações de campo e decidiu escrever um livro

sobre tudo o que viu e participou, publicando a obra que consolidaria seu prestígio como cientista e viraria clássico da etnologia brasileira. “Rondônia”, título em homenagem ao comandante da expedição, foi lançado quatro anos após a expedição no Rio de Janeiro, pela Imprensa Nacional.

Com fluência em vários idiomas, como italiano, inglês, alemão, francês, espanhol e tupi, Roquette-Pinto também pintava, desenhava, tocava piano, não era somente um homem inquieto que queria fazer tudo ao mesmo tempo, ele era um homem que queria abraçar o mundo, preocupado e sensibilizado com o povo.

“Uma coisa que me impressionava é que ele nunca fazia apelo no sentido da autoridade. Dizia que o título do qual mais se orgulhava era o de professor, pois havia um propósito militante nessa profissão, que não se esgotava na sala de aula. Quando íamos a Petrópolis no seu belo Ford azul, dirigido pelo Matheus, seu motorista e amicíssimo da vida inteira, durante a viagem ele falava sobre que árvores era aquela, que nuvem era aquela, as montanhas começavam a ter nome e, de repente, você via o mundo de maneira diferente. Qualquer pergunta que eu fizesse sabia que ia ter resposta. Uma coisa estranha e agradável”, disse o jornalista e escritor Cláudio Roquette-Pinto Bojunga, neto de Edgard Roquette-Pinto, em depoimento para o programa especial sobre Roquette-Pinto transmitido pela Rádio MEC, em 1990.

Com o propósito de levar a educação à população que tinha dificuldade de frequentar a escola e por ser fascinado por tecnologia, ele se engajou em projetos a fim de também resolver parte dos problemas da sociedade de seu país. Roquette não passou por lugar nenhum que não tivesse criado alguma coisa de novo. O homem que se destacou pelos seus ideais faleceu vítima de derrame, aos 70 anos em 18 de outubro de 1954, enquanto escrevia um artigo para o Jornal do Brasil em seu apartamento na Avenida Beira-Mar.



Exemplar da segunda edição do livro *Rondônia*, autografado por Roquette-Pinto, para a Rádio Sociedade, em 7 de setembro de 1923: “À Rádio Sociedade, pela grandeza do Brasil”

Radio Educação do Brasil

Quem se preocupa com o desenvolvimento da Nação verifica em nossos dias um facto muito significativo: fala-se hoje abertamente, por toda a parte, em todos os meios, QUE E PRECISO EDUCAR O POVO.

A consciencia collectiva já se deu conta de que todo os males do Paiz não podem ser curados nem com o voto secreto, nem com a organização dos partidos, nem com a reforma da Constituição, nem com o proteccionismo ás isdustrias, nem com a reforma do ensino, nem com a quinina do Estado, nem com a immigração européa.

Na consciencia dos estudiosos, calmos, afastados de quaesquer posições de mando, todos aqueles, remedios seriam excellentes, misturados ou separados si a massa geral do povo estivesse em condições de votar com segurança, não fugir ao dever civico, obedecer á autoridade e á lei, trabalhar e produzir, sem se deixar explorar, não renegar o que a sciencia ensina para combater as doenças, de receber o estrangeiro mais adiantado, e de aprender com elle.

O povo do Brasil não está, porém, em condições de tirar partido daquelles excellentes meios de aperfeiçoamento. Não está, porque não entende a linguagem que lhe falamos. E preciso não conhecer um palmo de roça para crer que as populações aceitarão e executarão qualquer daquellas grandes medidas, indiscutivelmente uteis á grandeza do paiz.

Ha um trabalho de desbravamento intellectual e moral a realizar antes daquillo tudo. E obra de educação inicial que hoje, felizmente, pode ser feito em condições muito favoraveis. Essa grande empreza depende do telephone sem fios, do aeroplano e das estradas de rodagem.

O aeroplano levará o correio ao paiz todo, no dia em que os brasileiros se lembrarem de que uma grande fortaleza custa muito mais que uma duzia de bons aviões capazes de recortar o ceu em busca de povoações perdidas no interior. Sem bom correio, seguro e rapido, não póde haver progresso moral ou material de um povo, em nossos dias.

As estradas ligam os nucleos proximos e concorrem para a formação de grupos solidarios, fontes de opinião capazes de pesar nos destinos communs. O T.S.F., nesse conjuncto, representa o papel preponderante de guia director, grande fecundador de almas, porque espalha a cultura, as informações, o ensino pratico elementar, o civismo, abre campo ao progresso, preparando os tabaréos, despertando em casa qual od esejo de aprender.

Muita gente acredita que o papel educativo do radiophone é simplesmente um conceito poetico, coisa desejavel mais difficil ou irrealisavel. Quem pensa desse modo, não conhece o que se está fazendo so o resto do mundo e, o que é melhor: o que se faz no Brasil.



Reprodução de Internet

Roquette em sua casa, na Avenida Beira-Mar, já nos anos 1950, ouvindo seu inseparável rádio de cristal de galena – aparelho receptor barato e que qualquer um poderia montar com materiais de fácil acesso. 'O galena' era símbolo de acessibilidade universal

Ha mais de tres annos começamos a praticar aqui a radiotelephonia educativa. Mau grado todas as dificuldades esperadas e encontradas, ja agora temos em mãos documentos que provam a perfeita possibilidade de executar no Brasil um grande plano de educação e instrução pública, mediante o telephone sem fios. Creio que o Brasil tem hoje, cerca de trinta mil lares providos de aparelhos receptores. Cada receptor serve, em media, a meia duzia de pessoas. Porque, no interior, pelas provas que possuo, cada alto-falante, é rodeado pela população da villa ou da fazenda. Ha, portanto, umas cento e cincoenta mil pessoas que ouvem diariamente as nossas lições e conferencias, musica, história do Brasil, hygiene, conselhos uteis á agricultura, noticias cambiaes e commerciaes, notas de sciencia, etc. Si muitos dos ouvintes são epssoas cultas para as quaes aquillo é passatempo, alguns milheiros são homens e mulheres do povo que, sem saber ler, vão aprendendo um pouco. Temos tudo feito?- Que esperança!

Estamos apenas no início do começo...

Não é possível dar por miudo, aqui os detalhes do grande plano idealizado para transformar em cinco ou seis annos a mentalidade popular da minha terra. Em linhas geraes é o seguinte:

1º- ada Estado, na sua capital, dispondo de estabelecimentos de ensino de certo vulto, fundaria uma grande radio-escola. Um entendimento entre os governos, sob os auspicios do Governo Federal, permitiria a aquisição das vinte poderosas estações necessarias. Seriam todas do emsmo typo, por economia, fornecidas em concurrencia publica. Não ha um só Estado do Brasil em condições de não poder com essa despesa.

A função dessas vinte grandes Radio Escolas Estaduaes, seria puramente directora. Seus programas educativos mostrariam as cidades do interior o caminho a seguir. Uma vez que o ideal é dar ao homem do povo o seu radio, seria preciso completar instalação do systema.

2º-Para isso, os municípios limitrophes entrariam em accordo para subvencionar um, mais rico e mais bem situado. neste seria erigida a Radio Escola Municipal, servindo directamente ao povo, de accordo com a orientação recebida das Radios Escolas Estaduaes.

Naquelles municípios centraes, ha sempre um respeitavel juiz de Direito, estudioso da historia e da geographia do Brasil. (O seu sonho dourado é emsmo entrar para o Instituto Historico...); ha um promotor, moço de talento, que tem garbo em tratar de versos e literatura; ha um medico, ou dous, para as lições de historia natural ou de hygiene; as professoras do «grupo escolar»...emfim, ha sempre um rapaz que toca harmonio na igreja, e muitas moças que cantam. E só mobilisar todos estes elementos em beneficio da educação dos pobres.

A estação da Radio Escola Municipal?-Custará muito menos do que o altar-mór da Matriz...

E os receptores?

Cada brasileiro, que carece de cultura, deve encontrar no seu município meios de possuir seu par de phones e o seu crystal. Os municípios conseguirão facilmente, desde que se não entreguem aos exploradores gananciosos e malvados, um typo de receptor local popular que poderá custar a terça parte do preço de uma samphona.

O Estado dá de graça (de graça é um modo de dizer...)luz electrica, agua, escola. Pois dará pelo preço de custo a cada brasileiro o seu modesto radio, em que elle, descalço, até mesmo roto, empapeirado, amarello, molle de doença e de ignorancia, aprenderá, antes de saber ler, que a preguiça é quasi sempre doença; que e preciso plantar o melhor da colheita para obter maior rendimento; que ser soldado não é ser escravo e sim receber instrucção e educação, em logares asseidados, dirigidos por patricios dedicados, fraternalmente, a serviço do paiz; que o Brasil não é de facto o paiz mais rico do mundo, mas que pode vir a ser, facilmente, si os seus filhos souberem tirar da terra tudo que ella pode dar; que os povos fortes, são hoje em dia, os povos que sabem applicar a sciencia e a arte em melhorar pessoas e cousas...

Reprodução de artigo de Roquette-Pinto, publicado na revista Electron n.06, de abril de 1926.

Renovação lusófona

Comunidade internacional de língua portuguesa fortalece laços de cooperação e de integração cultural

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Cinco séculos após ecoar ao redor do mundo, reverberada pelas grandes conquistas ultramarinas, a lusofonia se renova e se reafirma como elo de uma comunidade internacional que se estende por todos os continentes. Quinta língua mais falada do mundo, o português é a ponte cultural de regiões tão díspares quanto América, Europa, África, Ásia e Oceania. E cada vez mais esse intercâmbio se dá em vias de mão dupla, pavimentadas agora pelo acordo ortográfico assinado por todos os países falantes do português que unificou o idioma.

A presença de escritores portugueses, de Camões a Fernando Pessoa, ainda é marcante em todo o mundo lusófono, onde também se despontam brasileiros, de Castro Alves a Paulo Coelho. Mas a viagem de volta das novas caravelas literárias tem trazido também às praias do Porto e do Rio de Janeiro novas gerações de escritores africanos, por exemplo, que despontam prodigiosamente num mercado editorial dominado tradicionalmente pelas metrópoles.

A literatura, porém, não é o único aspecto visível da integração proporcionada pela língua. Devastado por uma guerra de independência e há poucos anos liberto do domínio indonésio, que ameaçava a identidade cultural de seus habitantes com a eliminação do português como idioma oficial, o Timor Leste, pequeno país da Oceania, é um caso exemplar. Os timorenses agarram-se à língua como única esperança de superar o isolamento geográfico, econômico e social. Brasileiros de várias especialidades – professores, médicos, engenheiros – ajudam na recuperação do território, que, graças ao idioma comum, encontrou um parceiro do outro lado do mundo.

Pequenas comunidades lusófonas na Índia – Goa, Diu, Damão –, em Málaca (Malásia), na ilha de Macau – última colônia portuguesa, restituída à China no final do século XX – e até mesmo na Europa – o caso dos galegos,



na Espanha, e de imigrantes portugueses que compõem mais 10 por cento da população da ilha de Jersey, no Canal da Mancha –, além da expressiva presença de brasileiros no Japão, onde vivem cerca de 250 mil dekasseguis (trabalhadores estrangeiros), também têm na língua sua maior arma de preservação cultural. Fato idêntico se dá em toda a África portuguesa – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

O português é veículo não só de integração cultural e política, mas também econômica e administrativa. Em março, a cidade de Niterói testemunhou esse intercâmbio lusófono focado no desenvolvimento administrativo e tecnológico ao abrigar, na sede da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, o VI Fórum das Imprensas Oficiais de Língua Portuguesa (veja nas páginas seguintes), onde gestores de vários países trocaram experiências e discutiram o futuro do setor.

Riqueza e diversidade cultural

A tradição cultural lusófona tem sua matriz em Portugal, o mais antigo estado-nação da Europa, de onde saíram as caravelas para levar a fé cristã e a língua de Camões aos quatro cantos do mundo. À densidade histórica da cultura lusitana, somou-se, sobretudo nos dois últimos séculos, o vertiginoso desenvolvimento da civilização brasileira, cujas manifestações culturais se alastraram por todas as áreas, rivalizando em importância artística com os antigos colonizadores.

No entanto, longe de Brasil e Portugal, ao redor do planeta, uma rica e diversificada produção cultural, baseada no idioma português, é praticada nas antigas colônias lusas. À medida que se desenvolvem e se avultam, esses novos valores também passam a circular pelos caminhos lusófonos, ganhando novos mercados consumidores, formado sobretudo por brasileiros e portugueses.



Os novos nomes da lusofonia

ANGOLA

A literatura angolana, com inspiração na tradição nos contos orais, ganhou impulso durante a luta pela independência, passando depois para uma literatura urbana que, não obstante, procura a cultura tradicional como forma de inspiração para uma expressão muito viva, rica e colorida. Seus principais escritores são José Eduardo Agualusa, Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) e Ondjaki, todos já conhecidos do público brasileiro, que vem se acostumando a vê-los em eventos como a Festa Literária de Paraty (Flip) e a Bienal do Livro do Rio de Janeiro.

A música angolana exerceu forte influência na formação cultural de países como Brasil e Cuba, com músicas como o merengue angolano, kazukuta, a kilapanda e o semba. Na ilha ao largo da costa de Luanda nasce a rebita, um estilo que tem por base o acordeão e a harmónica. O semba, que partilha raízes com o samba (de onde a palavra tem origem e significa umbigada), é também predecessor da kizomba e do kuduro. É uma música de características urbanas, e surge, em especial com o crescimento de Luanda, nos aglomerados populacionais, chamados “musseques”.

CABO VERDE

A literatura cabo-verdiana é uma das mais ricas da África lusófona. As suas obras mais importantes, apreciadas sobretudo pelo público português, são Chiquinho (Baltasar Lopes da Silva), Os Flagelados do Vente Leste, Chuva Braba (Manuel Lopes), O Testamento do Senhor Napomuceno da Silva Araújo (Germano Almeida), revista Claridade, Hora di Bai (Manuel Ferreira). Na música, há diversos gêneros próprios, dos quais se destacam a morna e a coladeira. Cesária Évora (a “diva dos pés descalços”, pois gosta de se apresentar no palco assim) é a cantora cabo-verdiana mais conhecida internacionalmente.

GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau possui uma herança cultural rica e diversificada. As manifestações culturais variam

de etnia para etnia, com diferença linguística, a dança, a expressão artística, a profissão e a tradição musical. A dança é, contudo, uma verdadeira expressão artística dos diferentes grupos étnicos. Os povos animistas caracterizam-se pelas suas belas e coloridas coreografias. No dia a dia, estas fantásticas manifestações culturais podem ser observadas na altura das colheitas, dos casamentos, dos funerais, das cerimónias de iniciação. Na literatura, destaque para Amílcar Cabral.

MOÇAMBIQUE

A prosa moçambicana, embora recente, é considerada um elemento vital e prodigioso na literatura lusófona. Destaca-se aí outro conhecido dos brasileiros, Mía Couto, talvez o mais influente autor moçambicano, vencedor do Prémio União Latina de Literaturas Românicas de 2007 – alguns dos seus contos são lecionados nas escolas portuguesas. Também merecem relevo José Craveirinha, vencedor do Prémio Camões, Eusébio Sanjane, eleito “Escritor do ano de 2005” pela revista Tvzine, por votação popular, e Paulina Chiziane, considerada uma das mais promissoras escritoras da lusofonia.

A música de Moçambique é uma das mais importantes manifestações da cultura deste país. A música tradicional tem características bantu e influência árabe principalmente na zona norte e, como tal, é normalmente criada para acompanhar cerimónias sociais, principalmente na forma de dança. Moçambique também é reconhecido por seus artistas plásticos, como Malangatana, Chichorro, Naguib, Ismael Abdula, Samat e Idasse destacam-se na área de pintura.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Desde o século XVI, uma peça de teatro, o Tchiloli, é encenada na ilha de São Tomé e Príncipe ritmando os tempos fortes do ano: as festas religiosas e as festas civis. A representação dura quase quatro horas. Sendo uma obra atribuída ao poeta cego português Balthasar Dias: “A tragédia do marquês de Mântua e do Imperador Carlos Magno”. A peça foi introduzida em São Tomé e Príncipe no fim do século XVI pelos portugueses que foram implantar a cultura de cana-de-açúcar.

TIMOR LESTE

Xanana Gusmão, um dos líderes da luta pela independência do país, é o nome mais conhecido, da literatura timorense, mas outros escritores importantes são Luís Cardoso, Fernando Sylvan, Jorge Lauten, Francisco Borja da Costa, Jorge Barros Duarte, João Aparício, Ponte Pedrinha – pseudónimo de Henrique Borges, Fitun Fuik e Afonso Busa Metan. Poemas, contos e crónicas de alguns desses autores encontram-se reunidos no livro “Timor Leste – Este País Quer Ser Livre”, organizado por Sílvia Sant’Anna, da Editora Martin Claret.

Pátria

(Xanana Gusmão*)

*Pátria é, pois, o sol que deu o ser
Drama, poema, tempo e o espaço,
Das gerações que passam, forte laço
E as verdades que estamos a viver.
Pátria... é sepultura... é sofrer
De quem marca, co'a vida, um novo passo.
Ao povo, uma Pátria é, num traço simples...
Independência até morrer!
Do trabalho o berço, paz, tormento,
Pátria é a vida, orgulho, a aliança
Da alegria, do amor, do sentimento.
Pátria... é tradição, passado e herança!
O som da bala é... Pátria de momento!
Pátria é do futuro a esperança!
Pátria ... é do futuro a esperança!*

* (Xanana Gusmão foi um dos principais ativistas pela independência do Timor Leste. Atualmente ocupa o cargo de primeiro-ministro)

VI Fórum das Imprensas Oficiais de Língua Portuguesa

Dirigentes defendem a cooperação técnica entre os países e a convergência de mídias na publicação de atos oficiais

JULIANA XAVIER

Com a bandeira da língua em comum, imprensas oficiais do Brasil e países lusófonos da África e Europa participaram, de 22 a 24 de março, do VI Fórum das Imprensas Oficiais de Língua Portuguesa, realizado pela Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro em parceria com a Associação Brasileira de Imprensas Oficiais (Abio). O compartilhamento de informações e debates promovidos pelo evento resultou no compromisso de garantir a legitimidade da informação e a divulgação concomitante dos atos oficiais por meio impresso e eletrônico. O acordo foi firmado na “Carta do Rio de Janeiro”, assinada por 16 estados do Brasil, pela Imprensa Nacional de Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, além representantes de Rede de Boletins Oficiais das Américas (Redboa).

O documento reafirma a missão dos diários oficiais de assegurar a perenidade dos atos de governo – considerando o diário oficial como um instrumento de transparência das instituições públicas, a convergência dos meios impresso e eletrônico, a vocação editorial das Imprensas Oficiais, a necessidade de se instituir uma lei de acesso à informação em cada país e a ênfase na necessidade de cooperação multilateral permanente.

“Todos os aspectos que compõem a cultura de uma região são



Na primeira fila (da esq para dir.): o diretor-presidente da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Haroldo Zager, o cônsul de Portugal no Brasil, Nuno Bello; o desembargador e escritor Cármine Savino, o imortal da ABL Arnaldo Niskier; o subsecretário de Educação do Estado do Rio, Amaury Perlingeiro; o secretário de Planejamento e Gestão do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Ruy; o presidente da Imprensa Oficial de São Paulo, Marcos Monteiro; o representante da Imprensa Oficial de São Tomé e Príncipe, Bernardo Pinto; e o chefe de gabinete da Imprensa Oficial do Rio, Marcos Lopes. No canto direito da segunda fila, a cineasta Janáina Diniz

costurados pela língua. E a Língua Portuguesa se torna cada vez mais referência comercial e cultural na América Latina”, destacou o diretor-presidente da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Haroldo Zager, durante a abertura do Fórum, na Sala de Cultura Leila Diniz, espaço cultural da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro. O presidente da Abio e da Imprensa Nacional, Fernando Tolentino, citou Fernando Pessoa com a frase «minha pátria é língua portuguesa», para ressaltar a missão de reunir no mesmo encontro países com culturas diferentes, mas unidos pelo idioma.

O secretário de Planejamento e Gestão do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Ruy, representou o gover-

nador Sérgio Cabral na solenidade. «Fico feliz de ver de perto o avanço da Imprensa Oficial que representa um marco na administração pública?»

Após a abertura oficial, os representantes foram conhecer o parque gráfico da Imprensa Oficial do Estado Rio.

“O evento é muito importante porque estamos buscando a integração de todas as imprensas oficiais da América Latina para compartilhar tecnologia e experiência. No objetivo é juntar esforços a fim de que todos os países que ainda estão desenvolvendo tecnologia para impressão se igualem a Brasil, México, Argentina e Chile”, disse o presidente da Redboa e da Talleres Gráficos do México, Alejandro López.



Parte da comitiva da África: os diretores das imprensas oficiais de Guiné-Bissau, Victor Caasama; o de São Tomé e Príncipe, Bernardo Pinto; e de Moçambique, Armino Matos



Diário Oficial impresso e eletrônico

No segundo dia do encontro, cada empresa apresentou as ferramentas tecnológicas com as quais trabalham e a forma como operam. Em debate, estava principalmente a perenidade e a segurança da informação. Segundo dados do presidente da Abio, todos os estados do país possuem um portal na internet, no qual 90% disponibilizam o Diário Oficial no formato PDF. “A exceção de Tocantins, Ceará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, a grande maioria defende a coexistência de ambas as plataformas. A internet acelera a divulgação da informação e o papel garante a perenidade e a segurança dos dados”, explicou Fernando Tolentino.

O presidente da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro destacou a obsolescência dos meios de armazenamento digitais. “O disquete foi substituído e o zip drive também. Quando foram desenvolvidos, eram a melhor forma de guardar documentos e hoje não possuem mais utilidade. Devemos pensar sempre no futuro e não no presente, daí nosso dever de garantir a manutenção da informação”. O Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro está disponível para consulta gratuita on-line desde 2007.

O coordenador-geral da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, Paulo André Moraes de Lima,

representou o Ministério das Relações Exteriores e comunicou que, por lei, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em 1996, realiza reuniões duas vezes por ano para discutir projetos de cooperação. Entre outras informações de interesse do Fórum, Paulo André citou o projeto LEGISCPLP, uma base de dados da legislação dos países de Língua Portuguesa, a ser repassada para a CPLP, e também a proposição de um marco legal para o setor, a cargo da Agência Brasileira de Cooperação (ABC).

Em Portugal, o Diário Oficial eletrônico tem valor legal e garante todos os processos de segurança. Carlos Ribeiro, chefe de divisão do setor de publicações oficiais da Imprensa Nacional - Casa da Moeda de Portugal apresentou o Diário Oficial da República que conta com serviços públicos de acesso gratuito e cobrados, como análises jurídicas, alertas e banco de dados.

A desmaterialização dos diários e boletins oficiais enfrenta barreiras em países de baixa penetração da Internet, como Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. De acordo com David Barros, presidente da Imprensa Oficial de Angola, somente 20% da população têm acesso à internet.

Mesmo Portugal, que por determinação de lei federal eliminou

a publicação impressa do Diário da República, e Cabo Verde produzem a versão impressa segundo a demanda requerida por alguns assinantes.

“A internet é um veículo que permite agilidade e redução de custos, enquanto o papel credita confiabilidade à informação. Eu acredito que é possível manter as duas plataformas”, ressaltou Lucídio Moreira, presidente da Imprensa Oficial de Cabo Verde.

Os presidentes das imprensas oficiais de Angola e São Tomé e Príncipe, David Barros e Bernardo Pinto, reforçaram o objetivo de cooperação firmado entre os países desde a Carta de Tomar (Portugal), em junho de 2010. “Uma das finalidades do objetivo é promover ações que permitam equalizar o desenvolvimento tecnológico entre as empresas”, disse Bernardo Pinto. O último encontro rendeu frutos e a imprensa da Guiné Bissau, por exemplo, recebeu de Portugal auxílio técnico, equipamentos, material e mobiliário.

“Estabelecemos um novo avanço. Como os países têm níveis de desenvolvimento diferenciado, não é fácil fazer um avanço contínuo, mas fazemos pequenos avanços, muitos na intenção e alguma coisa na prática. O momento seguinte será o de estabelecer a forma dos países se ampararem mutuamente. Países poderão assessorar, promover, trocar, conceder treinamento, mas tudo isso só é possível na medida que o país que carece disso tenha consciência das suas necessidades. Esses encontros funcionam para isso, para que os países percebam essa defasagem”, destacou Fernando Tolentino.



Carlos Ribeiro, de Portugal, apresentou o Diário Oficial da República, que disponibiliza serviços de acesso gratuito e cobrado

Os novos cidadãos do Rio de Janeiro

Hoje, dia 24 de março de 2012, vivi uma das maiores e mais enriquecedoras experiências humanas da minha vida. Tenho 50 anos, vivo em Lisboa, Portugal, sou licenciado em Direito e quadro superior na empresa pública que edita o Jornal oficial de Portugal.

De visita ao Rio de Janeiro por motivos profissionais, tive oportunidade de conhecer parte do projeto de inserção social que está acontecendo no Estado do Rio de Janeiro, inimaginável para quem vive à distância de 10 horas de avião e vai tendo conhecimento das favelas do Rio pelos noticiários

de telejornal, normalmente pelas piores razões. Miúdos sem saberem ler desfrutando de recursos didáticos que os estimulam, desenvolvem e promovem enquanto cidadãos no contexto do século XXI. Perguntei a um pequeno que não devia de ter mais de cinco anos o que fazia no computador, ao que me respondeu que "...estou na internet". Na verdade não estava, apenas passeava o rato na proteção de tela que tinha uma imagem de um animal, gesto simples e inocente que o fazia sentir incluído numa sociedade que procura conscientizar cívica e culturalmente todos os cidadãos.

À tarde esperavam-me as emoções que me determina-

ram a escrever este texto.

O morro Dona Marta, com vistas deslumbrantes sobre Copacabana, Lagoa Rodrigo de Freitas, Corcovado com o seu imponente ícon sobre a cidade, praia de Ipanema, símbolos da faceta mais turística e abastada do Rio de Janeiro, está situada num



Carlos Ribeiro no Morro Dona Marta

morro com uma base de inclinação por vezes superior a 45º, com construções *ad-hoc*, onde esguias vigas de cimento sustentam rudes paredes em tijolo, desguarnecidas de janelas e que fazem arrepiar qualquer pessoa que viva fora do contexto. Aí foi-nos apresentada uma comunidade com vontade de abraçar os valores e padrões de civilização e que não quer mais viver à margem da fabulosa cidade ali mesmo ao pé.

Um grupo de crianças da favela surgiu ordenadamente para tocar para os visitantes, além da música, da coordenação, da regra/opportunidade que cada um à vez comandava o grupo e marcava

o ritmo – até o mais pequeno - foi gratificante perceber a assunção do projeto por eles, a vivência de uma atividade educativa em contraponto ao abandono que anteriormente eram voltados e que inevitavelmente os conduziam a condutas marginais.

Foi gratificante e enriquecedor poder testemunhar este projeto humanista de inclusão social que está acontecendo no Rio de Janeiro, a decisão política do projeto, as pessoas que o materializam todos os dias, quem está à frente da biblioteca de Manguinhos, quem trabalha diariamente os miúdos e lhes dá oportunidade de

transformar ideias em projetos, sonhos na realidade, lhes proporciona competências e saberes, quem pacifica as favelas, os polícias, etc., merece um grande aplauso e um grande respeito de todas as pessoas – não importa a nacionalidade – que se preocupam com o seu semelhante.

Outras cidades no mundo deviam seguir o exemplo da cidade do Rio de Janeiro, que pelo que está fazendo, merece o prémio Nobel da Paz.

CARLOS ALBERTO DIAS FORTUNATO RIBEIRO é integrante do quadro superior do Departamento Comercial da Imprensa Nacional – Casa da Moeda de Portugal.

Arquivo pessoal

Imagens de um novo Rio de Janeiro

Os representantes dos países que participaram do VI Fórum das Imprensas Oficiais de Língua Portuguesa encerraram o encontro conhecendo as comunidades pacificadas do Complexo de Manguinhos, Pavão-Pavãozinho e Dona Marta. A comitiva foi formada por dirigentes de imprensas oficiais de 16 estados e de Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Uruguai, Chile e México, que integram a Rede de Boletins Oficiais das Américas (Redboa)



Na terceira estação do Plano Inclinado do Dona Marta - primeira comunidade pacificada do estado - integrantes da comitiva observam as mudanças na região provocadas pela presença do Estado



"Acredito que hoje quebramos a barreira de estigmas e superamos preconceitos graças a esse encontro. Aprendemos que é preciso nos aproximarmos para nos desenvolvermos juntos", falou Lucídio Mendes, presidente da Imprensa Oficial de Cabo Verde, no almoço oferecido aos representantes das Imprensas Oficiais no Dona Marta



Os dirigentes conheceram, no Complexo de Manguinhos, a primeira biblioteca parque do país. Nos 2,3 mil metros quadrados da Biblioteca Parque de Manguinhos (ao lado), pode-se acessar livremente as estantes de livros e a Internet, ver filmes, ouvir músicas, participar de inúmeras atividades culturais ou solicitar o empréstimo de livros e filmes, entre os mais de 27 mil títulos. O espaço oferece à população, entre outros serviços, salas de estudo e leitura, espaços para reuniões, jardim de leitura e espaço infantil (abaixo)





O jacaré-do-papo-amarelo, ameaçado de extinção, é uma das estrelas da fauna...



...que inclui ainda diversas aves



O paraíso intocado do Norte Fluminense

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Há no Norte Fluminense uma região a cerca de 200 quilômetros do Rio onde a natureza permanece intocada, exatamente como há 500 anos, quando os europeus pisaram pela primeira vez nas praias fluminenses. Deserta, bravia, deslumbrante, surpreendente, a restinga de Jurubatiba foi transformada em parque nacional, em 1998, mas só este ano passou a funcionar aberto à visitação pública.

O santuário ecológico, formado por uma extensa área arenosa ao longo do litoral entre os municípios de Macaé, Carapebus e Quissamã, é cortado pelo canal Campos-Macaé – o maior canal fluvial do mundo à época da sua construção pelo Império brasileiro, no século XIX, para escoar a produção açucareira do Norte fluminense – e por 18 lagoas e lagunas, algumas alimentadas pelas águas das chuvas, outras comunicantes com o mar. De um lado, a orquestra furiosa das ondas na areia; do outro, o

canto envolvente de incontáveis sabiás-da-praia, habitantes naturais daquela vegetação de restinga, compõem a trilha sonora de um cenário majestoso.

Embora mereça melhor infraestrutura turística e fiscalização, o parque, com área de 14.860 hectares e 44 quilômetros de costa, é a cátedra de um inusitado curso de ecologia para seus visitantes. Percorrido a pé, de bicicleta, de bugre ou de barco, ele revela surpresas de flora e fauna incomuns aos ecossistemas mais conhecidos.

A maior concentração de pesquisadores do país

A importância do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba pode ser medida pela quantidade de cientistas que atrai. É considerado o trecho do litoral brasileiro que abriga o maior número de pesquisadores em atividade, em razão da grande biodiversidade da suas fauna e flora. Jurubatiba abriga espécies que existem só ali, além de muitos animais em risco de extinção. As estrelas da fauna são o jacaré-do-papo amarelo, a sabiá-da-praia, o cachorro-do-mato, o tamanduá-mirim, o papagaio-chauá, marrecos, lontras, tatus, capivaras, além de diversas aves migratórias que encontram na restinga um porto seguro.

A região é considerada por pesquisadores como a área de restinga mais bem preservada do país. Para o pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Francisco Esteves, é o único local do Brasil que guarda as características da época do descobrimento. Segundo o historiador e ecologista campista Aristides Sofiatti, a preservação ocorreu por causa do mar bravio e do desinteresse das autoridades e dos investidores na-



Em Jurubatiba, a vegetação de restinga concorre em beleza com a flora aquática, presente não só em suas lagoas e lagunas, mas também ao longo do canal Campos-Macaé, que corta o parque



Guiados pelo sobrinho-neto de um presidente

A melhor maneira de conhecer Jurubatiba é na companhia de um dos guias cadastrados no parque. Os visitantes que contratam esse serviço com o professor de geografia Luís Jonatan de Souza Machado (foto) são apresentados à restinga por nada menos que um sobrinho-neto do presidente Washington Luiz, fluminense natural de Macaé que dirigiu o país nos anos 20 do século passado. Apaixonado pela região, Luís Jonatan, de 25 anos, mora próximo à sede do parque, de onde, afirma, jamais pretende se mudar. Tem cadastro de guia regional e nacional, podendo ser contactado pelos telefones (22) 9997-5598 / 8104-5221 ou pelo email guiaquissama@gmail.com.



Um cenário com os tons da nossa bandeira

Os quase 15 mil hectares do parque revelam ao visitante um cenário incomum, curiosamente composto das tonalidades da bandeira brasileira. O verde está presente nas áreas mais densas das matas, cujas folhagens, vistas de perto, revelam os tons amarelos dos cajueiros, habitados por sabiás-da-praia, que vigiam atentamente sobre os galhos mais altos. O azul predomina nas águas das lagoas e lagunas, além do oceano, separado delas por uma estreita faixa de areia, onde se destaca o branco recorrente também nas clareiras do interior da restinga.



quela região do Norte fluminense.

Foi Aristides Soffiaty quem cunhou o nome Jurubatiba, porque, segundo ele, documentos dos séculos XVII e XVIII denominavam a região de campos Jurubatiba, derivado do tupi gerivá, uma espécie de palmeira presente em grande quantidade na restinga. Jurubatiba ainda é o único local do mundo onde

se encontra o micro crustáceo *Diaptomus azuros*, encontrado por pesquisadores da UFRJ na Lagoa Preta e que confirma, segundo eles, a tese da união dos continentes americano e africano no passado.

A flora de Jurubatiba é maior atração turística do parque. Próximo ao litoral, a vegetação é rasteira e, na medida em que se penetra para o

interior, assume o porte de arbustos. Afastando-se ainda mais, pode-se observar a vegetação arbórea nos diversos córregos da região. Existem plantas frutíferas como pitanga, araçá e cambuí, além das ornamentais: bromélias, cactos, guriri, trepadeiras e orquídeas. Algumas espécies apresentam uma floração de beleza rara como a *Vanilla chamissonis*,



parente da baunilha, além de certas orquídeas raras.

Quissamã detém a maior parte do território do parque (65%), cabendo 34% a Carapebus e apenas 1% a Macaé. Naquele município, mais precisamente na Praia de João Francisco, fica a sede do parque, inaugurada em dezembro de 2008, com um espaço

específico para pesquisa e estudos de todo ecossistema. O Centro de Visitantes do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba oferece vídeos educativos, fotos da flora e da fauna do parque, informações para estudos e pesquisas. O espaço também conta com uma loja para venda de peças confeccionadas por artesãos e costureiras locais, com

temas que remetem à natureza da restinga.

O Centro de Visitantes funciona de quarta-feira a domingo, das 9h às 15h. Nos outros dias da semana, somente por agendamento prévio através do Departamento de Turismo de Quissamã pelo telefone (22) 2768-9315 ou pelo e-mail deptur@quissama.rj.gov.br.



Sala de Cultura Leila Diniz

Um ano de portas abertas à democratização da cultura

ANDREA DE FREITAS MACHADO

Sob o legado da alegria, da ousadia e do amor à arte deixado pela emblemática atriz que a batiza com seu nome, a Sala de Cultura Leila Diniz completa, no dia 1º de julho, um ano de portas abertas à inovação e à democratização da cultura. O sorriso da musa, estampado no painel do espaço cultural da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, já recepcionou neste período cerca de 1,5 mil visitantes e 200 artistas que se apresentaram no local gratuitamente. As modernas instalações que se integram ao jardim inspirado na obra de Burle Marx deram graça e uma nova perspectiva à região portuária do Centro de Niterói.

Projetado para abrigar diferentes manifestações artísticas, a Sala Leila Diniz já realizou 22 eventos neste período, com apresentações que

vão de concertos de música clássica a popular, de encenação teatral à dança do ventre, de lançamento de clássicos da literatura à exposição de pássaros em extinção. Plural, acessível e original, como Leila Diniz.

O verde do jardim refletido no vidro espelhado da sala de 240 metros quadrados, o muro de cantaria e a fonte – onde nadam belíssimos peixes carpa – são um convite à contemplação e a pausa para a correria do dia a dia. A graça e a delicadeza do ambiente ganham som, toda última quarta-feira do mês, com o “Concertos na Imprensa Oficial”. Iniciado em setembro, o projeto traz apresentações gratuitas de música clássica e instrumental na hora do almoço, com os músicos do Projeto Aprendiz – Música na Escola (da Secretaria de Cultura de Niterói/FAN e da Secretaria de Educação de Niterói).

Para os jovens e adolescentes, trata-se de um espaço fixo para mostrar o que aprendem no projeto. Para quem vive ou trabalha em Niterói, a oportunidade de desfrutar de um ambiente agradável e boa música, de graça.

Na inauguração da Sala de Cultura, a imagem clássica de madrinha foi representada pela cineasta Janaina Diniz Guerra, filha de Leila, na inauguração do espaço. Durante o “batismo”, a artista fez uma saudação, escrita a caneta pilot na entrada do novo espaço da Imprensa Oficial, no melhor estilo libertário da atriz que quebrou tabus nos anos 60 e 70: “Que este seja um espaço de ocupação cultural!” A sentença se transformou em missão.

Veja nas páginas seguintes imagens dos eventos realizados na Sala de Cultura Leila Diniz



Painel de Carlos Scliar

O painel "Leia e Pense", de Carlos Scliar, é uma das atrações da Sala de Cultura Leila Diniz. O quadro foi confeccionado através do processo de serigrafia - técnica na qual a tinta é vazada através de uma tela preparada. Scliar participou constantemente de exposições no Brasil e em todos os centros artísticos mundiais, se consagrando, sobretudo, pelo uso de variadas técnicas.

Entrevista de Leila Diniz ao Pasquim

Sete painéis de 2m x 3m reproduziram as páginas da famosa entrevista de Leila Diniz ao jornal O Pasquim. Na conversa, concedida em novembro de 1969, a atriz não usou meias palavras, mesmo diante das mais íntimas ou politicamente embaraçosas perguntas e expôs um retrato completo de si, como pessoa, mulher e atriz.

Pré-lançamento da coleção 'Carlos Mônaco Leu e Recomenda'

O pré-lançamento da coleção "Carlos Mônaco leu e recomenda", editada pela Imprensa Oficial especialmente para a XV Bienal do Livro do Rio de Janeiro, também foi uma homenagem ao intelectual niteroiense. Mônaco mantém um valioso acervo de 8 mil livros de autores fluminenses e 2 mil revistas e fotografias.



Exposição Diário Oficial 80 anos

A primeira exposição da Sala Leila Diniz contou a história da publicação, que entrou em circulação em 1º de julho de 1931. A partir das capas do Diário, o público viu como, ao longo dos anos, foram modificadas as formas de confecção do Diário Oficial, a tipografia, os traçados, a diagramação e as cores.

O que eles viram

“A sala de Cultura Leila Diniz é um presente muito especial para nossa cidade. Além de homenagear uma mulher niteroiense que simboliza uma geração de resistência e atitudes, traz para o centro da cidade um centro de cultura que há muito tempo se fazia necessário. A programação cultural tem sido de excelência valorizando sempre os artistas locais e diversificada, cumprindo o exato papel de um centro de cultura brasileiro. Quero parabenizar a Imprensa Oficial e agradecer por tudo que essa empresa publica, moderna e atuante tem feito pela cultura de Niterói. Parabéns!” - **Marcos Sabino** - Presidente da Fundação de Arte de Niterói

“A Sala de Cultura foi uma iniciativa pioneira para o povo e é importantíssima, porque a Imprensa Oficial antes era vista apenas como um órgão oficial do governo. A Sala Leila Diniz oferece oportunidade aos artistas da região e faz com que enxerguemos uma Imprensa Oficial muito próxima da população e dos artistas. O Giro Cultural, que inclui a Sala de Cultura, conseguiu dinamizar a cultura aos sábados. Temos que celebrar este primeiro ano e desejar que os próximos sejam de tantas ou mais realizações. Gostaríamos de parabenizar à Renata Palmier, gestora da Sala de Cultura, e ao Haroldo Zager, diretor-presidente da Imprensa Oficial, pela iniciativa e pelo apoio à cultura de uma forma geral. Parabéns à Imprensa Oficial e a Niterói, que é sede da Imprensa Oficial” - **Dôra Silveira** - Diretora do Museu do Ingá.



Pássaros e o Meio Ambiente

A exposição do jornalista João Baptista de Freitas reuniu telas de pássaros, livros de parede com textos e ilustrações. Palestras sobre a preservação da natureza foram assistidas por alunos da rede municipal de Niterói.



Noel é 100

As características únicas de Noel Rosa foram retratadas em 40 trabalhos expostos durante a mostra. As caricaturas foram selecionadas no concurso realizado pelo Instituto de Memória Musical Brasileira.

Exposição Resistência no Rio Jiguamiandó

A exposição da fotógrafa Andrea Lamount reuniu 12 fotografias que retratam a história de luta de comunidades ribeirinhas colombianas frente à exploração de suas terras. A mostra integrou o Encontro Niterói América do Sul, realizado pela Prefeitura de Niterói em novembro do ano passado.



Arariboia Rock: 20 anos de músicas e boas histórias

Cenas de um rock independente, pulsante, resistente e com selo *Made in Niterói* tomaram conta da Sala de Cultura. A mostra trouxe imagens raras da "resistência cultural" niteroiense, capas de fitas demo, fotografias, cartazes, flyers, fanzines e credenciais de festivais independentes.

Turismo: Impressiona-se com a impressão

Os cinco continentes foram representados na exposição fotográfica realizada por estudantes do quarto período de Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Através das fotografias, o visitante pode compartilhar das impressões de quem as tirou e conferir o resultado das imagens alteradas digitalmente.





Dinah, Caríssima Dinah

Painéis com fotografias, livros e reportagens da época contaram a vida e obra da segunda mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. A mostra sobre a imortal foi resultado da parceria entre a Academia Brasileira de Letras (ABL) e a Sala de Cultura Leila Diniz.



Niterói de Antigamente

A Sala de Cultura proporcionou uma viagem no tempo até a Niterói das décadas de 50, 60 e 70 com as fotografias do acervo pessoal do jornalista Carlos Ruas.



Giro cultural

O segundo sábado do mês já se tornou sinônimo de atrações culturais no Centro de Niterói. O Giro Cultural acontece todo segundo sábado do mês, das 10 horas ao meio-dia, e passa pela Livraria Ideal, Terminal Rodoviário Roberto Silveira e pela Sala de Cultura. Os eventos são gratuitos e o circuito pode ser feito todo a pé.



PortoCartoon: Aviões e Máquinas voadoras

A exposição apresentou os melhores trabalhos do XII PortoCartoon. A mostra passou pelo Imprensa Nacional, Imprensa Oficial de Portugal e fez parte da programação do VI Fórum de Imprensa Oficiais

Dois Monólogos Entrelaçados

No Dia Internacional da Mulher, a Sala de Cultura ofereceu uma leitura dramatizada de trechos do livro "Ângela e Antônio", de Maria Helena Latini. Os monólogos contam a história de amor de Ângela e Antônio e foram interpretados pelos atores Luciana Montechiari e Marco Hazeck.



Cidades – Linhas e Passantes

O lado agridoce do caos. Assim pode ser definida a exposição que trouxe as ilustrações dos participantes do grupo "Desenho 21", formado alunos da Escola de Belas Artes da

Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ).

“Estamos felizes em poder participar da história deste espaço. Em tão pouco tempo de existência, a Sala de Cultura Leila Diniz tem promovido de forma contínua e significativa a cultura, em seus diversos aspectos e linguagens (concertos, exposições, enfim, eventos de excelente qualidade, franqueados ao público), em nossa cidade. Educação e cultura, aí estão duas possibilidades de se construir uma sociedade mais justa, com melhor qualidade de vida e, por consequência, menos violenta. A instituição deste espaço pela Imprensa Oficial é um modo de garantir o acesso à cultura e à instrução: é uma ação democrática. Um ótimo exemplo de uma ação no bem!” – **Grace Castro** – Coordenadora pedagógica do Programa Aprendiz – Música na Escola

“A Sala de Cultura é um belo espaço, foi aberta a eventos marcantes, inclusive o lançamento das minhas obras, que posso afirmar que foi uma dos eventos que mais me marcaram a minha vida. Além disso, a região foi bastante favorecida pela abertura, foi uma grande contribuição prestada ao nosso município, digna de nossos aplausos. Todos aplaudem de pé essa iniciativa!” **Carlos Mônaco** – Um dos principais intelectuais da cidade e proprietário da Livraria Ideal (fundada em 1935).

“Tenho um carinho muito especial pelo espaço. Nós produzimos os concertos de música clássica mensais da Sala de Cultura. Não só o lugar é belíssimo como promover concertos de música clássica é extremamente inovador. Nenhum lugar na cidade faz isso com regularidade.” **João Carlos Carino** – Músico e pesquisador do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMUB)

Sangue, misticismo e disputa territorial no Sul

A Guerra do Contestado completa 100 anos e até hoje a região lida com os reflexos do conflito

BÁRBARA REIS

UM CONFRONTO QUE PASSA quase despercebido nos livros de história, mesmo sob os olhos dos vestibulandos mais dedicados. Violenta e arbitrária, a Guerra do Contestado completa 100 anos em 2012 - ocorreu entre outubro de 1912 e durou até agosto de 1916 - e marca até os dias de hoje a região do conflito, a fronteira entre Santa Catarina e o Paraná. Cerca de 8 mil civis e mil militares morreram, mas os números mostram que as cicatrizes de uma guerra não se vão junto com aqueles que empunharam as espadas ou assopraram a pólvora. A Guerra do Contestado produziu mais mortes e durou mais tempo que a Guerra de Canudos (BA). Em quatro anos, cerca de vinte mil pessoas foram mortas, entre militares e revoltosos. Atualmente, os 26 municípios da região onde ocorreu o conflito, (entre eles Caçador, Lages e Pato Branco) registram os piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Sul do país, segundo dados do IBGE. Além disso, até hoje a questão agrária é latente na região, havendo diversos assentamentos de Reforma Agrária nas localidades que, cem anos atrás, eram as chamadas "Cidades Santas".

De acordo com o professor da Universidade do Planalto Catarinense, Nilson Thomé, o homem do Contestado legou a Santa Catarina uma herança cultural, que inclui: uma lição de valentia e de bravura, a consolidação do exemplar regime minifundiário da propriedade, o sentimento de defesa do seu patrimônio ambiental e uma contribuição ímpar na descoberta dos caminhos para levar os catarinenses a conquistar sua cidadania através da ação comunitária.

Conheça a história de um conflito cercado de misticismo, sangue e disputas territoriais.

O início dos confrontos aconteceu quando terminou a construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande. A empresa Brazil Railway Company,

responsável pela construção, recebeu do governo federal 6.696 km² de terras ao redor da ferrovia. O objetivo da companhia era, finalizada a construção, explorar as matas no entorno da estrada de ferro. Apesar de não serem ocupadas formalmente, a região era habitada por pessoas que moravam lá antes mesmo da obra, além dos que vieram de outras cidades trabalhar na construção da estrada de ferro. A doação das terras à empresa foi legal porque, quando as construções foram iniciadas, o governo as declarou como devolutas, como se ninguém ocupasse o local. Ou seja, a área obtida através da concessão deveria ser escolhida e demarcada sem levar em consideração as sesmarias existentes.

Os empregados demitidos pela companhia ao final da construção e os que tiveram o direito à terra suprimido decidiram, então, seguir o 'monge' José Maria, transformando o caráter da rebelião que estava por vir.

Entre 1844 e 1870, João Maria, um homem de origem italiana, atendia



Imagem do monge João Maria, líder espiritual dos sertanejos

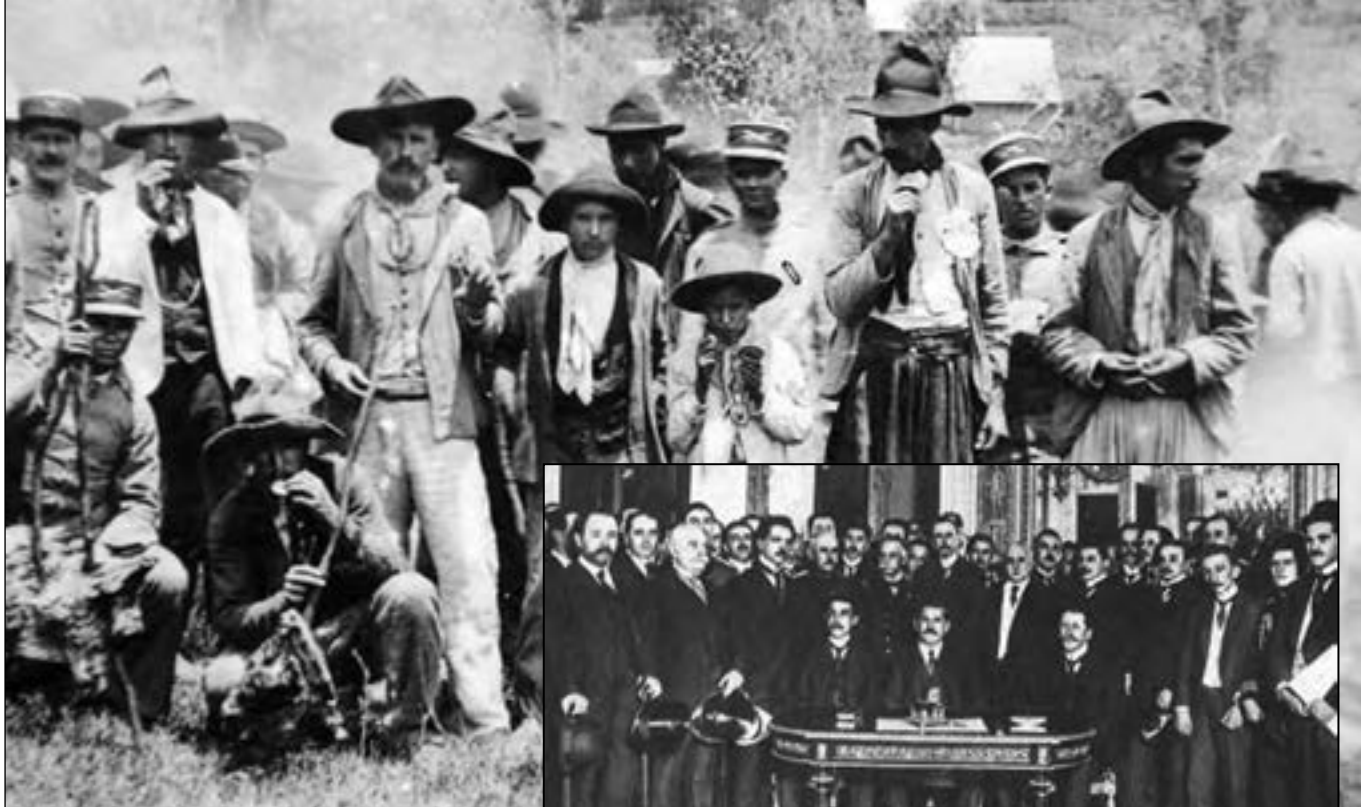


Fotos: Acervo do Museu do Contestado

Tertuliano Potiguara foi o major que liderou as tropas que venceram a Guerra do Contestado. Após o Contestado, seguiu para a Primeira Guerra Mundial, onde foi condecorado por atos de bravura

doentes e peregrinava pregando, arrebatando assim milhares de crentes. O segundo "monge", Atanás Marcaf, adotou a alcunha de José Maria e apareceu durante a Revolução Federalista de 1893. Sua influência era tão inquestionável que seus seguidores esperaram sua volta através da ressurreição após sua morte, em 1908. O terceiro "monge" era, para a polícia, Miguel Lucena de Boaventura, um soldado desertor condenado por estupro. Para a população, um curandeiro de ervas, escolhido por camponeses e operários para liderar a comunidade.

De acordo com o professor da pós graduação em história da Universidade Federal de Santa Catarina, Paulo Pinheiro Machado, "O Contestado foi um movimento camponês com uma linguagem que apresentava alguns aspectos messiânicos e milenares, mas que agregava uma extensa população descontente com a concentração da propriedade fundiária por grandes fazendeiros, a expulsão de posseiros pela Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande. Esta população, após uma sequência de ataques das forças oficiais, foi formulando um novo projeto de vida e sociedade, o Quadro Santo ou Cidade Santa que, com um discurso embasado no catolicismo tradicional, buscava a



Grupo de fazendeiros que, junto com o exército, combatiam os sertanejos. Ao lado, assinatura do Acordo de Limites Paraná-Santa Catarina, em outubro de 1916

construção de um mundo de justiça, igualdade e bem-estar.”

Desapropriação e conflito

O Governo sabia que as famílias que construíram suas casas em torno da ferrovia não era dona do terreno de direito, mas de fato. Ainda assim, determinou a desapropriação. Aos camponeses e operários uniram-se fazendeiros e, sob a liderança de José Maria, criaram uma comunidade em que o comércio foi vetado e o escambo substituiu o dinheiro. Tudo pertencia a todos. O ‘monge’ e seu rebanho rebelaram-se contra a república brasileira e criaram a comunidade de Quadro Santo, sob a “Bandeira da Monarquia Celestial” – que trazia como símbolo um cruz verde em um fundo branco.

Em outubro de 1912, teve início o sangrento conflito. Oriunda da tensão social em que vivia a região, a Guerra do Contestado foi provocada por questões políticas e justificada por motivos religiosos e patrióticos. Nos documentos do Arquivo Histórico do Exército, é possível ver o registro de militares que foram julgados por terem cometido excessos contra os sertanejos e de camponeses julgados por conduta violenta contra os militares durante a guerra.

A primeira batalha da guerra ocorreu no município de Irani que, a época, estava sob jurisdição do Paraná apesar de questões de fronteira mal esclarecidas com Santa Catarina. Essa instabilidade criou, para José Maria, o cenário

perfeito de ocupação. Em outubro de 1912, foram enviadas diversas tropas do Regimento de Segurança do Paraná para a região, com o objetivo de fazer com que o Monge e sua comunidade voltassem para Santa Catarina. Ao fim da batalha, somaram-se às dezenas de mortos o monge José Maria e o comandante das tropas do Paraná, João Gualberto Gomes. O confronto ocorreu numa localidade conhecida como “Banhado Grande” e acabou sendo um dos poucos em que os partidários da ‘Monarquia Celestial’ conquistam a vitória. Com a morte do Monge, quem assumiu a liderança dos fiéis da ‘causa do Contestado’ foi Maria Rosa, uma menina de 15 anos que dizia receber instruções do espírito de José Maria.

Entre o fim de 1914 e a metade do ano de 1915, o município de Caraguatá, tornou-se refúgio dos caboclos por conta da dificuldade de acesso. O sucesso contra algumas das investidas do exército inflou os ânimos entre os sertanejos, que acabaram invadindo vilarejos próximos às principais cidades da região, tomando uma área equivalente a 250km². Um boato absurdo de que os moradores tinham o objetivo de marchar até o Rio de Janeiro para depor o presidente tornaram o clima ainda mais tenso.

O governo brasileiro, então, deu o que seria a cartada mais importante de toda a guerra, nomeando o general Fernando Setembrino de Carvalho para o comando das tropas do exército. Setembrino chegou ao Paraná liderando

uma tropa de 7 mil homens. Sob ordens do general, foi construído o Campo de Aviação de Rio Caçador, como apoio das operações de Guerra. Pela primeira vez no Brasil foram usados aviões com o fim de reconhecer a região ‘inimiga’. A estratégia do general de cercar os redutos rebeldes individualmente ao invés de partir para um confronto direto, dificultando a saída e entrada dos sertanejos de tais redutos, funcionou. Aos poucos, os camponeses ficaram sem mantimentos e, quando ocorreram os conflitos finais, as tropas do exército se depararam com homens e mulheres famintos e sem ânimo para resistência. Em dezembro de 1915, os últimos redutos de revoltosos foram devastados pelas tropas do general Setembrino e, na prática, terminava guerra. No entanto, a data oficial do fim do conflito foi agosto de 1916, quando o último dos líderes do Contestado, Deodato Manuel Ramos foi preso e capturado como alguns dos outros sobreviventes.

Saiba Mais

O Museu do Contestado funciona no município de Caçador, no estado de Santa Catarina. No site da instituição, é possível fazer um tour de 360º pelas instalações do prédio e conhecer algumas das relíquias guardadas por lá. Além disso, uma parte da página virtual é dedicada às crianças, com jogos interativos que remetem a história da região.

Site: www.museudocontestado.com.br

Navegando na arte

Inspirado no Google Art Project, site brasileiro possibilita visita on line de 14 museus



Imagens: Reprodução de Internet

O Museu da República, no Catete, é um dos que podem ser visitados virtualmente

ANA CAROLINA MELLO

O Brasil conta com mais de 3 mil museus e, provavelmente, você não visitou nem 30 deles. Exposições e mostras que remontam a história do país, o folclore, a cultura dos sertões, a arte contemporânea sob a forma de videoarte e “efeito cinema”, além de mostras nacionais e internacionais que vão da arquitetura à pintura, da fotografia ao cinema. A arte nem sempre teve fácil acesso a população e, por isso, se afastou e, acabou se revelando excludente. O resultado foi o afastamento do público e um estigma elitizado difícil de derrubar. No entanto, esse cenário está se alterando em ritmo acelerado e a democratização da arte deixa de ser utopia, para encarar a vestimenta dos fatos. E, surpreendentemente, a Internet vem se revelando uma grande aliada nesse processo. No Brasil, o site Era Virtual vem para estimular o interesse de milhares de pessoas. Mas o principal divulgador ainda é o internacional Google Art Project.

Algumas das restrições as quais a arte era infligida não existem mais. Conhecer um museu era mérito para os poucos eruditos pertencentes às classes abastadas. Atualmente, o “encontro das artes” ou, em outras palavras, a democratização da cultura, tem sido proporcionada por incentivos governamentais na esfera estadual e federal. Mas, é inegável que os inúmeros mecanismos facilitadores do acesso à arte, que mesclam propaganda e pedagogia, também têm feito um grande papel. É o caso dos museus virtuais. Até as menores galerias disponibilizam seus acervos em versão *on-line* e não se pode negar as vantagens dessa inclusão digital. Alguns preferem manter ferramentas próprias para o acesso virtual e outros aderiram a programas e sites específicos para a visita virtual de museus. O Era Virtual está no ar para inserir o internauta numa incursão a 14 dos mais importantes museus brasileiros. Ainda em expansão, o Era Virtual busca fundos do governo e

tem a seu favor a Lei Rouanet para proporcionar uma experiência *online* o mais próxima possível do real. Sem querer substituí-la, logicamente. Os museus podem ser “visitados” através de imagens em 3D.

Com o ‘Era Virtual, divulgamos a nossa cultura, atraímos público para a arte e ampliamos o número de interessados no tema.’, destaca o presidente do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), José do Nascimento Júnior. Dos museus do Estado do Rio, só estão incluídos no Era Virtual o Museu da República e o Museu da Ciência (ambos federais). Mas, como o projeto está em expansão, a previsão é que outros sejam incluídos em breve.

Museus brasileiros no Google – O Google Art Project, por outro lado, aumentou o número de museus associados exponencialmente rápido. De 17 museus no ano passado, hoje são 151 instituições filiadas ao projeto. São dois museus brasileiros incluídos: a Pinacoteca do Estado de São Paulo, que teve 98 obras selecionadas para o acervo na Internet, de um total de

9 mil trabalhos; e o MAM-SP, com 89 obras escolhidas, das suas 5.500. Segundo José do Nascimento Júnior, as negociações para a entrada do Rio de Janeiro no circuito on-line foram iniciadas, mas estão estancadas.

“Indago-me sobre a função da difusão de cultura dos museus e o papel que o Google tem nisso. De fato, eles têm um público abrangente e a divulgação deles é útil para nós, mas pensam numa outra vertente: o lucro. Até que ponto estamos dispostos a vender a cultura, a produzir lucro com ela? Não estamos certos se concordamos com as políticas de divulgação de uma empresa como a Google”, destaca Nascimento, que ainda avalia a entrada de museus do Rio.

Para o presidente do Ibram, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro não deixa nada a desejar ao MAM-SP, mas também incluiria o Museu de Belas Artes, o Museu Histórico Nacional e o Museu Imperial.

José Júnior enfatiza, no entanto a importância da divulgação dos museus. Segundo o presidente do Ibram, ainda hoje muitas pessoas acham que visitar museus é coisa para se fazer em viagens, mas nunca na cidade ou bairro em que moramos. Por pensarem desta forma, muitos brasileiros passam a vida toda sem conhecer um museu, excluindo a possibilidade de se enriquecer com a arte local.

“Tem sempre um centro cultural, por menor que seja, com a arte local, que também vale muito à pena. Esses acervos online querem dar um gosti-

nho na boca do público via internet, para eles terem mais vontade de ver ao vivo”, explica.

Concepção - O Google Art Project é um projeto de busca da notoriedade para a arte e, sobretudo, de conceder maior acessibilidade. O mecanismo permite a visualização de obras de arte, utilizando a mesma estratégia do já muito conhecido Google Street View: câmeras de alta qualidade e possibilidade de uso do zoom, permitindo que os visitantes do acervo observem detalhes com maior eficácia. Não excluíram nem a Casa Branca, sendo possível fazer um *tour* virtual pelas principais obras que decoram a morada presidencial dos Estados Unidos. O total de obras em versão digital no projeto da Google chega a trinta mil.

Alguns quadros e esculturas contam ainda com a tecnologia de gigapixel, que permite a visualização em até sete bilhões de pixels, uma resolução muito melhor. No caso da Pinacoteca, a obra Saudade de Almeida Jr. teve o privilégio. No MAM-SP, a escolhida foi o painel da dupla Os gêmeos (Gustavo e Otávio Pandolfo), exibida na parte externa do museu. É também possível ao internauta fazer um *tour* pela instituição, tornando a experiência mais próxima do real.

O presidente do Ibram explica que as visitas online não substituem a experiência de estar no museu e ver pessoalmente as obras, porque tudo está vinculado à arte, desde a própria instituição até a primeira impressão que vamos ter.



A tela "A Pátria", pintada em 1919 por Pedro Bruno, é uma das obras de arte do Museu da República que pode ser conhecida no Era Virtual

SERVIÇO

ERA VIRTUAL

Endereço: <http://www.eravirtual.org/pt>

Museus

Museu da República

Rio de Janeiro - RJ

www.museudarepublica.org.br

Casa da Ciência

Rio de Janeiro

www.casadaciencia.ufrj.br

Museu de artes e ofícios

Belo Horizonte - MG

www.mao.org.br

Casa Fiat de Cultura

Belo Horizonte - MG

www.casafiatdecultura.com.br

Museu do Oratório

Ouro Preto - MG

<http://www.oratorio.com.br>

Museu Casa Guignard

Ouro Preto - MG

www.museuvirtual.ufsj.edu.br/guignard_br

Museu do Diamante

Diamantina - MG

www.museudiamante.blogspot.com/

Museu Histórico Abílio Barreto

Belo Horizonte - MG

www.amigosdomhab.org.br

Memorial Tancredo Neves

São João Del Rei - MG

www.memorialtancredoneves.com.br

Museu da Inconfidência

Ouro Preto - MG

www.museudainconfidencia.gov.br

Casa de Cora Coralina

Goiás

<http://www.eravirtual.org/pt>

Museu Nacional do Mar

São Francisco do Sul

www.museunacionaldomar.com.br

Museu Victor Meirelles

Florianópolis - SC

www.museuvictormeirelles.gov.br

GOOGLE ART PROJECT

<http://www.googleartproject.com>

Pinacoteca do Estado de São Paulo

São Paulo - SP

www.pinacoteca.org.br

MAM-SP

São Paulo - SP

www.mam.org.br

Memórias da Riqueza Fluminense

Fazenda Secretário, Vassouras

Fotos: Divulgação

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Durante muitos anos, sobretudo na segunda metade do século passado, São Paulo foi comparado à locomotiva que puxa os vagões, representados pelas demais unidades da Nação. Houve um tempo, porém, em que a posição dos Estados – ou melhor, das Províncias, pois se trata de um tempo iniciado no Império do Brasil – não era exatamente como na imagem cunhada pelos nossos vizinhos paulistas para expressar sua vantagem econômica. Um tempo em que as grandes riquezas do país nasciam literalmente em solo fluminense.

Esse tempo deixou marcas, tanto na bandeira e no brasão – cujo núcleo é envolvido pelos ramos de café e de cana-de-açúcar – quanto na paisagem rural do Estado do Rio, formada por palácios, sedes de fazendas monumentais e ferrovias centenárias a subir serras e cortar vales em obras faraônicas de engenharia, que registram o fausto e a pujança da economia fluminense no século XIX, quando as monoculturas cafeeira e açucareira respondiam

por praticamente toda a produção da riqueza brasileira.

Enquanto vastidões de canas-de-açúcar cobriam as planícies do Norte, na região de Campos dos Goytacazes, as plantações de café ornamentavam todo o Vale do Paraíba fluminense, fazendo de cidades como Vassouras e Valença importantes pólos econômicos, onde a circulação de rios de dinheiro, tão caudalosos como o próprio Paraíba do Sul, ajudou a construir algumas

das mais belas residências do Império e o estilo de vida opulento de seus habitantes: os barões do café.

Ainda hoje, dezenas de fazendas dessa região, preservadas pelos atuais proprietários, dão testemunho desse tempo áureo. Nas cidades do vale, palácios, palacetes e centenárias palmeiras imperiais também invocam seu passado glorioso. Visitá-los é viajar no tempo, revivendo o despontamento histórico da Província do Rio de Janeiro.



As locomotivas e o vale: símbolo de riqueza e desenvolvimento no século XIX

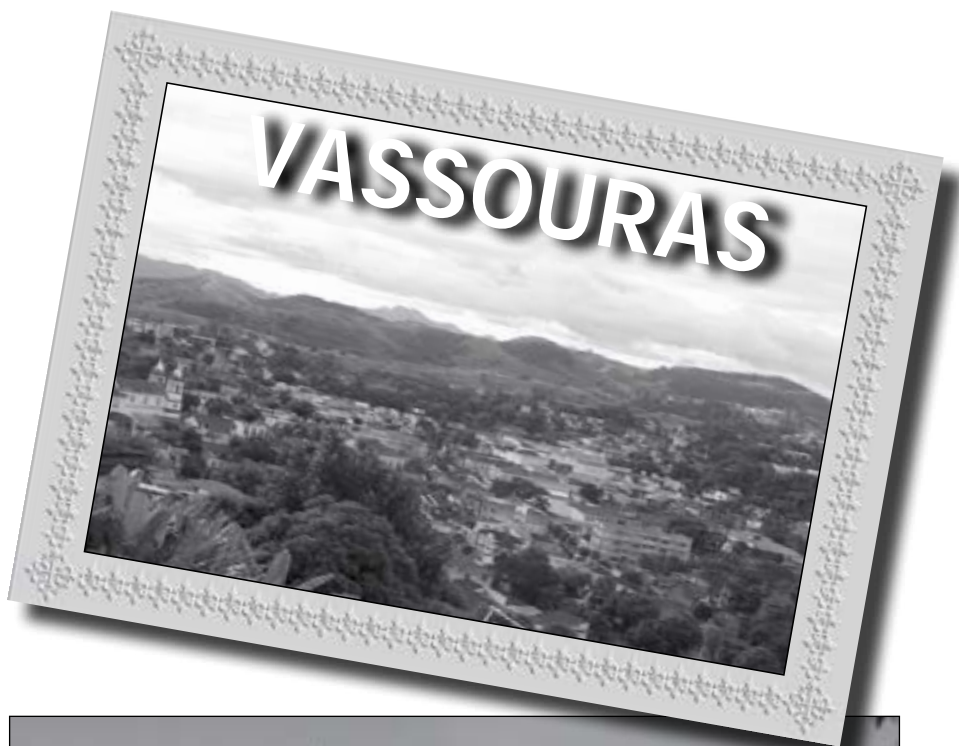
A vocação renovada de pólo econômico

O ciclo do café passou, mas a vocação econômica do Vale do Paraíba fluminense continuou requerendo uma posição de destaque nacional. Nos anos 40 do século passado, a cidade de Volta Redonda viu nascer a primeira siderúrgica brasileira – a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), criada por Getúlio Vargas. A localização estratégica da região – praticamente a meio caminho dos mercados consumidores do Rio e de São Paulo e também das jazidas de minério de ferro de Minas Gerais –, servida por importante malha rodoviária e ferroviária e próxima do porto de Angra dos Reis, fez dela a capital brasileira do aço.

Mais recentemente, a região ganhou novo impulso econômico com a intensificação de seu crescimento industrial. Não só as cidades de Itaiaia, Resende e Quatis, onde se instalou um importante pólo automobilístico, receberam importantes indústrias nos últimos anos. Outros municípios que compõem o médio Vale do Paraíba, como Volta Redonda, Barra Mansa, Piraí e Barra do Piraí, também têm aumentado fortemente seus parques industriais, contribuindo para a recuperação econômica do Estado do Rio e para um novo panorama da economia nacional, que hoje, certamente, não é mais puxada por apenas uma locomotiva.



Antiga estação ferroviária de Vassouras



O Chafariz Monumental data de 1848, período da construção da Praça Barão de Monte Belo



Cercada de palmeiras imperiais e palacetes, a praça domina o Centro histórico da cidade

Fotos: Luiz Augusto Erthal

As cidades dos barões do café



O Hotel Valenciano é um dos marcos arquitetônicos do Centro histórico da cidade



Fotos: Luiz Augusto Erthal

Valença estão impregnadas das lembranças dos tempos áureos do café, tanto na área rural, onde despontam fazendas centenárias – algumas delas abertas à visitação pública –, quanto em seus centros históricos, formados por praças, palacetes e casarões do século XIX. A região preserva também grande riqueza imaterial, formada pelo legado cultural dos negros escravos, como o jongo, a capoeira, o calango, as folias de reis e a caninha verde.

O médio Vale do Paraíba Fluminense foi o destino do maior contingente de africanos desembarcados nos portos do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX, quando se deu a implantação e ampliação da cultura do café, pautada na mão de obra escrava. O afluxo sem precedentes deste conjunto de pessoas alterou drasticamente a demografia do lugar. Mais que mão de obra, os africanos e seus descendentes trouxeram mudanças

substanciais na forma de viver em sociedade no Brasil.

Vassouras tem se consolidado como um importante destino turístico fluminense. Parte do seu legado cultural é formado pelo Conjunto Urbanístico e Paisagístico existente até hoje na cidade, tombado pelo



Antiga estação ferroviária de Valença

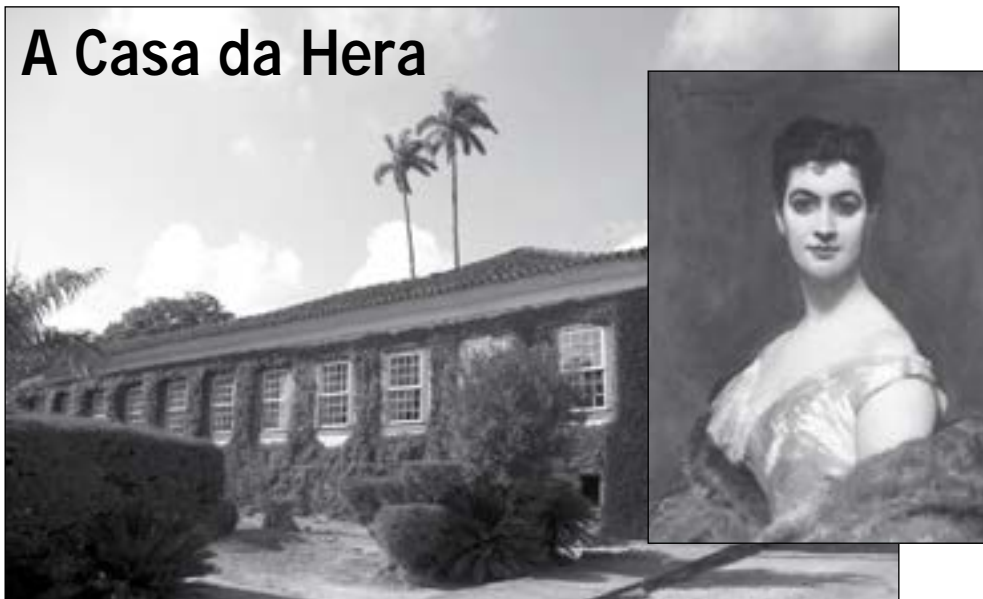
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A Praça Barão de Campo Belo é o principal marco do centro histórico da cidade. Ela foi construída a pedido do Barão de Campo Belo entre 1835 e 1857. O gramado verde que se estende rodeado por palmeiras imperiais tem em seu centro o chafariz monumental de 1846 e em seu entorno diversos casarões datados do século XIX.

Já em Valença, além das imponentes construções do centro histórico e das fazendas do ciclo do café, o visitante encontra forte apelo no ecoturismo, desenvolvido principalmente na Serra da Concórdia, localizada entre os vales dos rios Preto e Paraíba do Sul. A região possui duas unidades de conservação públicas e uma privada: o Parque Natural Municipal do Açude da Concórdia e Estadual da Serra da Concórdia, o Santuário de Vida Silvestre da Serra da Concórdia e a Serra dos Mascates. Há também o Ronco D'Água, um balneário com cachoeira natural.

Transformada em museu administrado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBAM), a Casa da Hera, localizada em Vassouras, é um exemplar preservado do estilo de vida dos barões do café no século XIX. O imóvel pertenceu a Joaquim José Teixeira Leite (1812-1872), um dos mais importantes comissários de café da região. Por volta de 1840, a casa passou a ser propriedade dos Teixeira Leite e lá passaram a viver Joaquim José e sua esposa, Ana Esméria Pontes França. Ele era filho de Francisco José Teixeira, o primeiro Barão de Itambé, irmão do Barão de Vassouras, Francisco José Teixeira Leite. Esteve envolvido com os projetos para construção da Estrada de Ferro D. Pedro II (futura Central do Brasil) e defendeu a implantação de núcleos de colonos na região de Vassouras.

Ali nasceram as duas filhas do casal, Francisca Bernardina (1845-1899) e Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930). Eufrásia é uma das figuras mais conhecidas da história de Vassouras. Após a morte dos pais, ela viajou para a França, entrou para o mundo dos negócios e chegou a triplicar sua herança, tornando-se acionista de empresas de diferentes países. Elegante, independente, inteligente e voluntariosa, Eufrásia Teixeira Leite frequentou a aristocracia francesa, ganhou admiradores e se relacionou durante alguns anos com o político pernambucano e abolicionista, Joaquim Nabuco. Em 1930, aos 80 anos, morreu em seu apartamento no Rio, sem nunca ter se casado e sem herdeiros. Suas cartas revelam um espírito inconformista que a levou a uma vida fora dos padrões de sua época.

A Casa da Hera



A Casa da Hera, em Vassouras, onde viveu Eufrásia Teixeira Leite (detalhe)



A casa, transformada em museu, preserva o estilo de vida dos barões do café

Fotos: Luiz Augusto Erthal

Conservatória, entre serestas e seresteiros

Distrito de Valença, Conservatória é conhecida nacionalmente como “A cidade da seresta”. A prosperidade econômica do final do século XIX é considerada a origem da tradição das serenatas - a música cantada sob o sereno -, que hoje atraem mais de mil pessoas

a cada fim-de-semana para a bucólica cidade.

Um dos grandes motivadores da tradição da música na cidade é o Museu da Seresta, que tem o maior acervo de músicas de serestas do país - e um dos maiores do mundo -, criado pelos

irmãos Joubert de Freitas e José Borges Neto. O museu mantém viva uma página da cultura musical brasileira, reunindo os seresteiros às sextas-feiras e sábados à noite, que de lá saem para cultivar o hábito, raramente quebrado, de cantar pelas ruas da cidade.



Volta Redonda e Barra Mansa: o vale do aço

Volta Redonda e Barra Mansa formam, no centro da região do médio Vale do Paraíba fluminense, um dos mais importantes pólos de desenvolvimento do país. Ali nasceu, na década de 1940, a primeira siderúrgica do Brasil, dando efetivamente início ao processo de industrialização brasileiro. A mesma região que liderou o ciclo da monocultura do café originou também a marcha da transformação que tiraria o Brasil da condição exclusiva de país agrário para a de potência industrial moderna.

Inicialmente um dos distritos de Barra Mansa, de onde se encontra afastada por sete quilômetros apenas, Volta Redonda – nome dado pelos jusuítas em razão da curiosa curva do Rio Paraíba do Sul – ganhou importância nacional com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, conquistando o título pelo qual é conhecida até hoje: Cidade do Aço.

Símbolo do período desenvolvimentista brasileiro e motivo de orgulho nacional, a cidade – verdadeiro Eldorado para trabalhadores e empreendedores em busca de novas oportunidades até a última década do século passado – enfrentou uma grave crise econômica a partir da privatização da CSN, em 1993. A recuperação econômica se deu principalmente na última década, com o novo surto de industrialização que contaminou toda a região.

Com a emancipação do antigo distrito, em 1954, Barra Mansa, até então um município com forte vocação agrícola, passou a desempenhar papel importante como base de apoio para as atividades da Usina Presidente Vargas, em Volta Redonda. Em razão da pequena distância entre elas, as duas cidades, praticamente geminadas, dividiram a missão de oferecer infra-estrutura às atividades siderúrgicas.



Fotos: Divulgação

Da usina Presidente Vargas, na CSN, saiu o primeiro aço nacional



Vista de Volta Redonda, com o estádio Raulino de Oliveira e a CSN ao fundo



Ponte sobre o rio Paraíba do Sul, em Barra Mansa

Centro de São João Marcos antes da inundação...



A triste história da cidade rica que virou ruínas

Uma das maiores cidades fluminenses do século XIX, com mais de 20 mil habitantes, São João Marcos, anteriormente conhecida como Vila de São João Marcos do Príncipe, era um dos principais núcleos produtivos do país, com 2 milhões de arrobas de café produzidas por ano, e estava numa posição geográfica privilegiada: no centro da área produtora, na confluência de grandes rios, próximo à capital imperial (município da Corte) e com ligação direta e calçada com o mar via Mangaratiba. Estas vantagens, paradoxalmente, colaboraram para a tragédia que marca a antiga cidade, desaparecida em meados do século passado para dar lugar à represa do Ribeirão das Lajes, cujas águas abastecem a cidade do Rio de Janeiro.

Antes disso, a decadência do café e a malária já haviam praticamente devastado a cidade, cuja população migrou em sua grande maioria para a vizinha Rio Claro, elevada a sede de município que antes tinha o seu centro político e econômico em São João Marcos. Em 1939, o núcleo urbano foi tombado pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, classificado oficialmente como "raro exemplo intacto de conjunto de arquitetura colonial", atendendo aos pedidos da população local. No entanto, um decreto presidencial de 1940 "destombou" o distrito a fim de ceder as terras para a ampliação da represa construída pela Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company, precursora da Light.

... e as ruínas que restaram da cidade



Rio Paraíba do Sul: um herói castigado

WALDENIR DE BRAGANÇA

O Rio Paraíba do Sul e seus afluentes têm marcada relevância na vida de milhões de pessoas. Ele teve importância fundamental para o desenvolvimento do Brasil. Seu processo de ocupação deu-se ao longo de diversos ciclos econômicos da história: o da cana-de-açúcar e mineração, no século XVII; o do café, no decorrer dos séculos XVIII e XIX; chegando ao ciclo industrial, no século XX. Mas é imprescindível focalizar a sua contribuição, através dos tempos, para a vida humana, como manancial de abastecimento de água potável a fim de atender diversos municípios, no Estado do Rio de Janeiro – além da populosa capital, através do sistema Guandu, que serve 85% dos habitantes da Região Metropolitana, encontram-se ainda Barra Mansa, Barra do Piraí, Campos dos Goitacazes, Cambuci, Cantagalo, Itaperuna, Nova Friburgo, Petrópolis, Porto Real, Quatis, São Fidélis, Volta Redonda e outros, no total de 57 municípios que tem no rio a única fonte de abastecimento para mais de 12 milhões de pessoas; e mais dezenas de municípios em Minas Gerais e São Paulo, perfazendo um total de 184 municípios que têm nas águas do Rio Paraíba a fonte básica para viverem.

O Rio Paraíba do Sul forma-se a partir da junção dos Rios Paraíba e Paraitinga, no Planalto Paulista, a uma altitude de cerca de 1.000 metros. Percorrendo uma distância de aproximadamente 1.120 km, com uma vazão média de 300 m³/s, até desaguar no Atlântico, junto à cidade de São João da Barra. Sua bacia abrange aproximadamente 56.000 Km², sendo que 23% se encontra em São Paulo (13.000 km²), 38% em Minas Gerais (20.900 km²) e 39% no Estado do Rio de Janeiro (21.000 km²).

A posição estratégica do Rio e seus afluentes ocasionou a implantação de expressivo parque industrial – um dos mais desenvolvidos do país – que engloba os setores químico, farmacêutico e metalúrgico, entre outros, além

da Companhia Siderúrgica Nacional e as mais diversas atividades, o que faz do Vale do Paraíba do Sul uma grande força econômica. A diversificada e elevada concentração industrial e a crescente urbanização da região são responsáveis pelo despejo diário de mais de 450 toneladas de esgoto doméstico e por intensos despejos de efluentes industriais, sobretudo metais como Chumbo, Zinco, Cobre, Cromo, Ferro, Manganês, Níquel e Cádmiio, com graves conseqüências ambientais.

As barreiras construídas para a utilização do rio com fins energéticos reduzem o caudal diluidor das substâncias poluentes; quando, mais tarde, ele é utilizado como único abastecimento de água potável, o nível de coliformes fecais, junto com metais pesados, levam a prejudicar o uso da água em sua função prioritária, alimento básico da população.

A ONU alerta que em 20 anos faltará água para 60% do mundo. A vida humana está ligada à água. Todos sabemos que seria impossível a sobrevivência em nosso Estado do Rio sem o Rio Paraíba. Ele é para nós como o Rio Nilo é para o Egito. Toda a história e o desenvolvimento de nosso Estado giram em torno do Paraíba. O Rio é um HERÓI que está sendo castigado.

Os problemas ambientais da Bacia do Paraíba são desafiadores e, portanto, exigem com urgência conjugação de esforços. Existem inúmeros projetos para a diminuição desses problemas; todos eles passam necessariamente pelo monitoramento ambiental criterioso. Considerando que a Bacia é responsável pelo abastecimento de água para milhões de vidas, tornam-se cada vez mais necessárias as campanhas de educação e conscientização ambiental, de que todos devemos participar – tanto o poder público como as demais organizações da sociedade.

Waldenir de Bragança é médico sanitário, presidente da Sociedade Brasileira de Higiene e Saúde Pública / SOBRAHSP e da Academia Fluminense de Letras

Centro Artur da Távola de referência da música carioca

De shows a R\$ 1 a espaço gratuito a artistas

RICARDO CHAU

Se por acaso você passar em frente ao belo palacete na esquina da Rua Conde de Bonfim com Garibaldi, se detenha por um minuto e, além de admirar a arquitetura da fachada, apure bem os ouvidos. Quem sabe poderá ouvir o samba de Moacir Luz ou a voz doce de Leila Pinheiro e até assistir ao show de um dos artistas por apenas R\$ 1. Localizado no coração da Tijuca, berço de artistas consagrados como Tim Maia, Nelson Cavaquinho, Roberto e Erasmo Carlos, o Centro Municipal de Referência da Música Carioca Artur da Távola é um espaço de convergências de estilos musicais devoto à memória, criação, pesquisa e preservação do patrimônio musical da cidade e tem como principal objetivo o incentivo à cultura musical do Rio de Janeiro através de exposições e espetáculos.

No interior do palacete, espaço para exposições, salas de pesquisa e o auditório proporcionam aos visitantes uma diversificada programação. Os jardins completam o belo conjunto arquitetônico que é patrimônio tombado do Rio de Janeiro. No prédio anexo, funcionam seis salas de aula onde são realizados cursos, workshops e oficinas de música. No mesmo espaço, encontramos um estúdio de gravação



O belo palacete que abriga o Centro de Referência é tombado pelo Patrimônio Arquitetônico do Município

destinado ao registro de projeto de música e cursos de técnicos de som e operadores de estúdio.

A Sala Maestro Paulo Moura, com aproximadamente 200 lugares, é o auditório onde acontecem as apresentações e gravações, às quartas, quintas, sextas e sábados, a partir das 19h30. Para assistir aos shows paga-se apenas R\$1. O palco está aberto tanto a artistas consagrados como a quem está começando agora.

No moderno estúdio do Centro de Música, já gravaram Moacir Luz, Claudio Jorge, Ivan Lins, Leila Pinheiro, Marcos Suzano, entre outros. Os shows realizados no auditório também são registrados. Para fazer shows no local, o artista ou banda deve apresentar seu projeto para avaliação na sede da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Exposição

Este ano a Casa apresenta o programa Rio Música, que reúne instrumentos, vídeos e instalações digitais interativas abrangendo o panorama musical da cidade, desde os tempos dos índios tupinambás, no século 16, até o funk, rap e música eletrônica dos dias de hoje. Na exposição, o público conhece, através das instalações digitais interativas, os cinco séculos de música na cidade, divididos em seis grandes temas: "O canto dos tupinambás", "Instrumentália", "Tempo", "O caminho das notas", "Mesa musical", e "Teclas do Rio".

SERVIÇO

Centro Municipal de Referência da Música Carioca Artur da Távola

Local: Rua Conde de Bonfim, 824, Tijuca.

Horário de funcionamento: das 10h às 18h, de terça a domingo

E-mail para projetos: culturario@gmail.com
Programação: referenciadamusicacarioca.blogspot.com

EXPOSIÇÃO INTERATIVA CONTA A HISTÓRIA MUSICAL DA CIDADE

"O canto dos Tupinambás" – Uma instalação interativa de áudio e vídeo com as gravações dos cantos dos índios tupinambás, através de arranjos feitos pelo consagrado Maestro Villa-Lobos.

"Instrumentália" – Reúne cerca de 40 instrumentos de sopro, cordas, teclados e percussão, e projeções de outros 60 instrumentos em uma tela interativa multitoque, além de apresentações de cada instrumento.

"O caminho das notas" – Instalação interativa que permite o público acompanhar, com som e imagem, a notação musical de quatro obras: "Trenzinho

do Caipira" (Heitor Villa-Lobos), "Ainda me recordo" (Pixinguinha e Benedito Lacerda), "A inúbia do caboclinho" (Guerra Peixe) e "Variações sobre o Samba do Urubu" (Radamés Gnattali sobre os improvisos de Pixinguinha). Participaram

da gravação dessas peças músicos como José Staneck, Ricardo Santoro, Celsinho do pandeiro, Henrique Cazes, Marcos Nimrichter e Maria Teresa Madeira, entre outros.

"Mesa musical" – Mesa interativa, desenvolvida em parceria com o compositor Tim Rescala. O visitante poderá "compor" uma música, a partir de trechos pré-gravados.

"Rio das teclas" – A partir das teclas de um piano cenografado, serão exibidos vídeos em ordem cronológica sobre personagens e momentos relevantes da música carioca.



Cultural

O Rioprevidência Cultural é um local destinado aos servidores ativos e aposentados, pensionistas do Estado do Rio de Janeiro e ao público em geral. Com programas especialmente planejados para atender às demandas dessa população, o Rioprevidência Cultural proporciona atividades de treinamento, entretenimento, cultura, além de uma sala de leitura e uma sala de treinamento com computadores e acesso à internet.

A programação do Rioprevidência Cultural é atualizada mensalmente e tem como foco o público da 3ª idade, que carece de opções de lazer e cultura necessários para a manutenção de mente e corpo sãos.

Em sua grade fixa é possível encontrar aulas de dança, teatro, línguas, informática, artesanato, pintura e muito mais. Mensalmente há atividades especiais, como palestras, shows, passeios e outros.

Horário de funcionamento:
Das 9h às 17h.
www.rioprevidencia.rj.gov.br

**Atividades
Gratuitas**

Rioprevidência Cultural
Av. Professor Manuel de Abreu, 300
Maracanã
Tel: (21) 2334-2207
rioprevidencia.cultural@rioprevidencia.rj.gov.br



A Escola de Educação Financeira do Rioprevidência é um espaço de interatividade e aprendizagem com o objetivo de construir habilidades nas áreas de economia e finanças de forma didática e diferenciada. Ela contribui para que as pessoas possam melhorar suas decisões relativas ao consumo, poupança e utilização de créditos, permitindo uma administração responsável e consistente dos próprios rendimentos e bens.

Com aulas e palestras de educação financeira básica, endividamento, investimento em ações, entre outras, a

Escola visa atender a jovens da rede pública Estadual, adultos, servidores públicos, idosos, aposentados e pensionistas do Rioprevidência, além dos demais interessados em participar do programa.

Com parceiros de renome como CVM, BM&F Bovespa, Anbima, Apimec e INI, a Escola consegue montar uma programação de cursos bem completa e diversificada para atender a todos.

**Horário de
funcionamento:**
Das 9h às 17h.

Inscrições abertas:
www.rioprevidencia.rj.gov.br

**Atividades
Gratuitas.**

Escola de Educação Financeira
Rua Felipe Camarão, 83 – Vila Isabel
Tel: (21) 2334-1846
eef@rioprevidencia.rj.gov.br

VOCÊ VAI PRECISAR TER O SEU CERTIFICADO DIGITAL, ENTÃO, QUE SEJA UM OFICIAL.

O CERTIFICADO DIGITAL DA IMPRENSA OFICIAL, ENTRE OUTRAS VANTAGENS, OFERECE:

- Economia de até 15% para as microempresas, empresas de pequeno porte e os microempreendedores individuais.
- Certificado emitido na hora, testado e pronto para uso.
- Padrão ICP – Brasil. A única assinatura digital com validade jurídica.
- Segurança em transações eletrônicas.
- Garante o sigilo e autenticidade de documentos e transações.
- Identificação de pessoas perante sites na internet.
- Economia de tempo e redução de custos.
- Facilidade, comodidade e agilidade para efetuar serviços oferecidos pelo Governo e pelo setor privado na internet.

Faça já o seu agendamento aqui:

www.io.rj.gov.br

Ou ligue 0800-2844675, das 9h às 18h.

ADQUIRA O SEU CERTIFICADO DIGITAL EM QUALQUER UM DOS SEIS ENDEREÇOS DISPONÍVEIS:

NITERÓI: Rua Professor Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói/RJ

NITERÓI: Av. Visconde do Rio Branco, 360 - 3º piso, loja 321 (Shopping Bay Market) - Centro, Niterói/RJ

RIO DE JANEIRO: Rua São José, 35 - Salas 222/224 (Ed. Garagem Menezes Cortes) - Centro, Rio de Janeiro/RJ

SÃO GONÇALO: Av. São Gonçalo, 100, 3º Piso (São Gonçalo Shopping, Rio Poupa Tempo) - Boa Vista, São Gonçalo/RJ

SÃO JOÃO DE MERITI: Rodovia Presidente Dutra, 4.200 (Rio Poupa Tempo) - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti/RJ

BANGU: Rua Fonseca, 240 - 2º andar (Bangu Shopping, Rio Poupa Tempo) - Bangu, Rio de Janeiro/RJ